



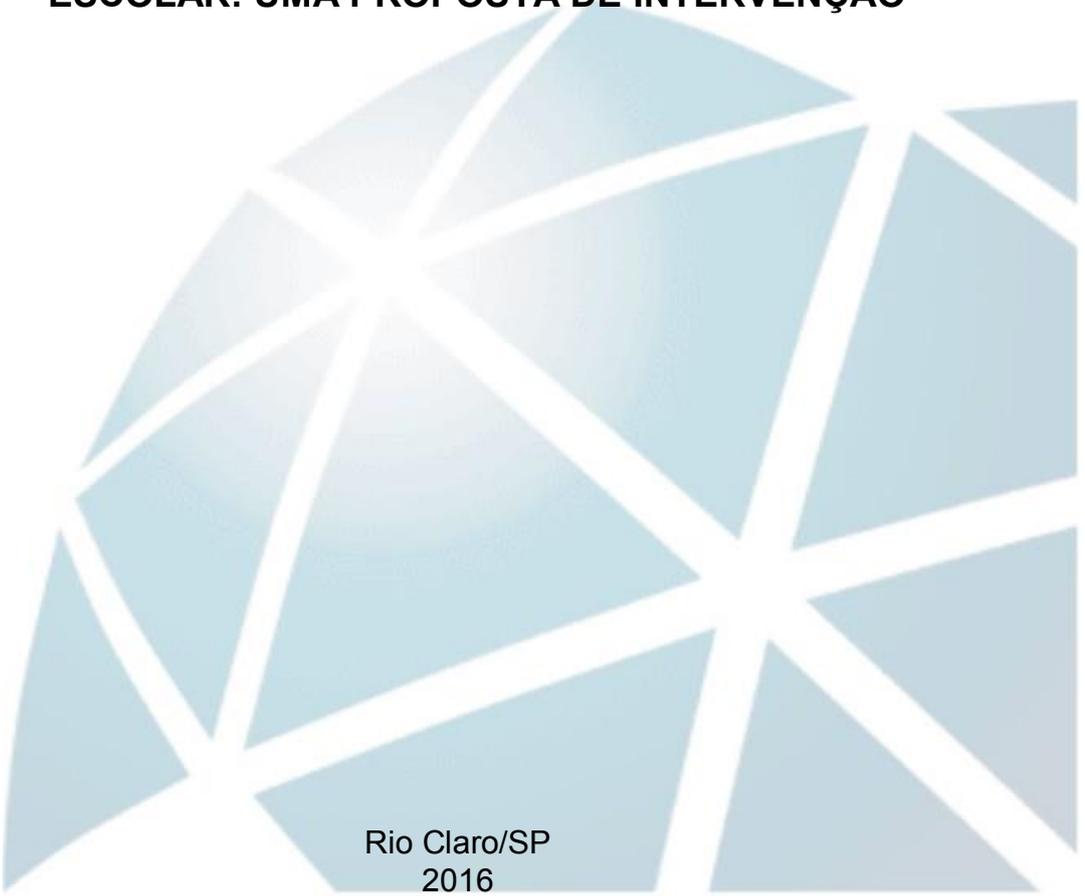
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS
(TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS)

MARIANA ZANETONI VASSOLER

VÍDEOS DE FUTEBOL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO



Rio Claro/SP
2016

MARIANA ZANETONI VASSOLER

**VÍDEOS DE FUTEBOL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

Área de concentração: Tecnologias nas Dinâmicas Corporais.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Moreto Impolcetto

Rio Claro - SP

2016

796.07 Vassoler, Mariana Zanetoni
V339v Vídeos de futebol nas aulas de educação física escolar :
uma proposta de intervenção / Mariana Zanetoni Vassoler. -
Rio Claro, 2016
70 f. : il., quadros

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientadora: Fernanda Moreto Impolcetto

1. Educação física - Estudo e ensino. 2. Educação física
escolar. 3. Futebol. 4. Vídeo. I. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: FUTEBOL E VÍDEO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
UMA PROPOSTA DE INTERVEÇÃO.

AUTORA: MARIANA ZANETONI VASSOLER

ORIENTADORA: FERNANDA MORETO IMPOLCETTO

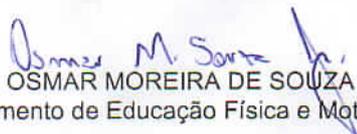
Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, área: TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS, pela Comissão Examinadora:



Profa. Dra. FERNANDA MORETO IMPOLCETTO
Departamento de Educação Física / IB-Rio Claro



Profa. Dra. SURAYA CRISTINA DARIDO DA CUNHA
Departamento de Educação Física / IB-Rio Claro



Prof. Dr. OSMAR MOREIRA DE SOUZA JÚNIOR
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos - SP

Rio Claro, 02 de maio de 2016

Dedico este trabalho á todos meus alunos por serem minha motivação em continuar estudando e buscando melhorias para Educação Física escolar. Dedico ainda a todos os professores de Educação Física que seguem na luta pelas escolas brasileiras.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pela oportunidade de seguir estudando. Para mim a pós-graduação era um sonho, sempre enxerguei como uma oportunidade muito distante! Obrigada Senhor por me abençoar diariamente, sem Ti nada seria possível! Sei que fui falha tantas vezes, e que continuarei cometendo erros, mas é Tu quem me sustenta, e posso dizer que até aqui o *Senhor me ajudou*.

Além de cursar o mestrado durante esse período e desenvolver as atividades acadêmicas determinadas, tive a oportunidade de conviver com pessoas maravilhosas (algumas velhas conhecidas e outras tive o prazer de conhecer nesse tempo). Essas pessoas colaboraram no meu crescimento enquanto pessoa e professora! Sou grata pela vida de cada uma delas. Sendo assim, agradeço:

Angela (mãe) e Mario (pai) – Por incentivarem meus estudos desde a educação básica. Pela liberdade que vocês me deram quando “escolhi” a minha profissão, e pelo apoio que vocês me dão diariamente! Sei que nenhuma conquista é fácil, mas sem vocês seria inviável! Amo muito vocês!

Fernanda Moreto Impolcetto – agradeço por me orientar nesse processo e pela confiança que em mim foi depositada, mesmo diante das minhas limitações. Não sei quantas vezes, pude expressar, mas gostaria de dizer que te admiro muito! Foi muito bom conviver com você durante esse tempo, não só de mestrado, mas desde a minha graduação, passando pela especialização até chegarmos aqui. Tenho certeza que você foi uma das pessoas que mais me incentivou para que estivesse na pós-graduação, algumas vezes, com palavras e tantas outras com atitudes, ao demonstrar sua responsabilidade e interesse em estudar, e lutar pelas causas da Educação Física na escola! Obrigada pela oportunidade de estar ao seu lado nesse processo, aliás, não teria outra pessoa para me acompanhar tão bem quanto você!

Suraya Cristina Darido – agradeço por aceitar o convite em fazer parte dessa banca! Desde os primeiros semestres do curso de Licenciatura, tive contato com seus materiais, ficava encantada com sua percepção sobre a Educação Física na escola, e fui altamente influenciada por cada palavra. Quando te vi pessoalmente (reunião do Letpefinho) fiquei muito feliz em conhecer a autora de cada um daqueles escritos, além disso, tive o prazer de conhecer uma pessoa muito humilde e simpática! Obrigada por tudo professora! Só tenho que agradecer cada uma das oportunidades que tive de aprender com você! Estarei sempre com um livro de sua autoria para auxiliar na minha prática enquanto professora de Educação Física escolar.

Osmar Souza Junior – agradeço por aceitar o convite em fazer parte dessa banca! Felizmente tive a oportunidade de cursar uma especialização em que você fazia parte do quadro de professores! Aprendi muito, principalmente na forma de conduzir as aulas, na possibilidade de diversificar os conteúdos e levá-los para a escola, e na reflexão sobre as questões da Educação Física escolar. Obrigada!

Aos meus professores e amigos da escola Michel (1998 – 2008) que sempre acreditaram na educação como meio para a transformação e me inspiraram!

Professora Tereza – Obrigada professora! Seus valores não couberam nas dimensões da quadra de vôlei, e extrapolaram para a vida! O tamanho do seu coração não cabe em você! Uma das pessoas mais humanas que conheci! Você é muito especial! Obrigada por me deixar fazer parte do seu time!

Professora Mellissa – Você foi minha primeira aproximação com a pós-graduação quando estava ainda na escola (ensino médio) e nem sabia o que era mestrado...rs. Obrigada por me influenciar na profissão, e acreditar em uma menina de 15 anos, que sonhava em ser professora de Educação Física!

Professor Heitor – Posso dizer que foi com você que aprendi o que era Educação Física escolar! Lembro do primeiro semestre do curso, e do seu empenho em nos ensinar de forma exemplar! Você é um ótimo professor, um dos bons exemplos que levo comigo!

Gilberta – Prima, você é muito querida! Sem dúvida umas das pessoas que mais me entende, e parece que isso se potencializou no mestrado...rs. Para mim é um prazer discutir horas e horas sobre educação, e aprender com você (em especial com sua responsabilidade e criatividade). Amo você e sua família!

Agradeço a Escola Nazarena e todos seus funcionários, em especial: Dona Claudia Biazon, Dona Virginia Barbosa e Dona Andreza Camargo – Obrigada por me acolherem tão bem na escola! Por acreditarem em mim enquanto pessoa e professora (aos 21 anos de idade)! Cresci muito com cada uma! Vocês me desafiam a melhorar diariamente e estimulam o melhor de mim. Já são parte da minha história! Às Professoras Alessandra, Aline, Ana e Bia – Obrigada por além de colegas de trabalho serem minhas amigas!

Fer, Silas, Lia, Rebeca, Fer e Will – Obrigada por me ouvirem e entenderam os diversos momentos (alegres e difíceis) que vivi durante esse tempo. A amizade de vocês é muito preciosa para mim! Obrigada por fazerem parte da minha vida!

Amigos da 3ª Igreja Presbiteriana de Rio Claro – Obrigada por compartilharem suas vidas comigo! Aprendi muito com vocês! Aproveito para agradecer o Marcelo Reis, pelo auxílio durante a construção do vídeo...muito obrigada!

Letpéf - (Aline, Amanda, Irla, Vitor, Ana, Dandara, Denis, Juliano, Raphael, Affonso, Tiago e Alex). Agradeço esse grupo que me acolheu tão bem! Posso dizer que em nenhum momento me senti deslocada, vocês fizeram me sentir em casa! Obrigada por estarem comigo em todos os momentos, seja quando precisava desabafar, chorar ou rir! Esse mestrado valeu à pena também por conta de vocês!
#letamigos

Professoras Mariana, Melina e Naiara – Agradeço pela oportunidade que tive de conviver com vocês no curso de especialização, se tornaram parceiras nas discussões em relação à Educação Física na escola! Obrigada pela troca de experiência, mesmo com a “distância”.

Professoras Camila, Isabela e Juliana – Agradeço pela boa companhia que me proporcionaram em meu primeiro ano (2012) como professora! Vocês somaram muito a minha prática pedagógica, e me apoiaram para que pudesse continuar estudando. Muito obrigada!

*"As palavras só têm sentido
se nos ajudam a ver o mundo melhor.
Aprendemos palavras para melhorar os olhos."*

Rubem Alves

RESUMO

A Educação Física escolar ao longo da história passou por diversas mudanças que influenciaram seus objetivos na escola. A partir da concepção da cultura corporal, a Educação Física na escola resgata, transmite e transforma os conteúdos produzidos historicamente em termos de movimento. No Brasil, o Futebol ganhou espaço em todas as camadas da sociedade, e tornou-se um elemento cultural que extrapola os “campos”. Na escola não foi diferente, garantiu seu espaço enquanto elemento da cultura corporal, mesmo que muitas vezes, seus conteúdos fossem apenas desfrutados por meio dos procedimentos, abandonando uma perspectiva crítica e tão importante de ser introduzida por meio dos conceitos e das atitudes, que deveriam ser igualmente contemplados. Atualmente a sociedade passa por uma série de transformações de caráter tecnológico, pessoas de diversas faixas etárias têm contato com as tecnologias, sendo o vídeo uma ferramenta de grande acesso nos diferentes meios tecnológicos. Mas, seria possível utilizar o vídeo como um instrumento pedagógico (ensino e aprendizagem) durante as aulas de Educação Física na escola? O objetivo dessa pesquisa foi elaborar e implementar uma unidade didática sobre o conteúdo Futebol para o 9º ano do Ensino Fundamental, a partir do currículo do Estado de São Paulo, utilizando o vídeo como recurso pedagógico, além disso, avaliar as impressões dos alunos sobre as aulas. Nesse sentido optou-se por um método de natureza qualitativa, compostos das seguintes etapas: 1) Elaboração dos planos de aulas a partir do Currículo do Estado de São Paulo; 2) Implementação das aulas e registro dos dados num diário de campo; 3) Grupo focal com os alunos, após a implementação das aulas para avalia-las. Os resultados foram agrupados em três categorias principais: Mídias e Futebol, Gênero e Futebol e Vídeo e Futebol. Em relação à categoria Mídias e Futebol, verificou-se que os alunos, que não conheciam ou tinham poucas informações sobre o conceito, chegaram à sua compreensão. Por meio das aulas, eles tiveram oportunidades de discutir e refletir sobre informações por meio do vídeo, que associado às vivências, auxiliaram na compreensão dos alunos sobre tema. A categoria Gênero e Futebol apareceu nos resultados por conta das questões que surgiram durante a implementação das aulas e no grupo focal. Observou-se que essa era uma questão presente nas aulas de Educação Física daquele contexto e influenciava a participação dos alunos nas aulas da Educação Física. Os resultados da categoria Vídeo e Futebol indicam que o mesmo pode se tornar uma ferramenta pedagógica que auxilia o professor quanto ao ensino de um conteúdo (nesse caso o Futebol), e que, além disso, pode ser um facilitador no processo de ensino/aprendizagem, por suas características dinâmicas, que se contrapõe ao modelo tradicional de ensino. Considera-se que a necessidade de planejamento para a utilização vídeo na escola deve ser levada em consideração, pois o professor precisará dispor de certo tempo para coletar as informações e elaborar um vídeo que ajude a alcançar seus objetivos pedagógicos. O que significa que em muitas situações pode se tornar inviável, pela falta de conhecimento técnico dessa ferramenta, fato que aponta para a necessidade das tecnologias serem discutidas e utilizadas na formação inicial, bem como na formação continuada dos professores.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Futebol. Vídeo.

ABSTRACT

A Physical Education class throughout history has undergone several changes that influenced their goals in school. From the conception of body culture, physical education in school rescues, transmits and transforms the contents historically produced in terms of movement. In Brazil, soccer has gained ground in all layers of society, and has become a cultural element that goes beyond the "field". At school it was no different, secured its place as an element of body culture, even though many times, their contents were only enjoyed by the procedures, abandoning a critical perspective and so important to be introduced through the concepts and attitudes, which should also be included. Currently the company goes through a series of technological character transformations, people of different age groups have contact with the technologies, and the video a great tool access the different technological means. But it would be possible to use the video as a teaching tool (teaching and learning) during the physical education classes at school? The objective of this research was to develop and implement a teaching unit on the football content to the 9th grade of elementary school, starting the curriculum of the State of São Paulo, using the video as an educational resource, in addition, to evaluate the impressions of students about classes. Accordingly opted for a method of qualitative nature, the compounds following steps: 1) Development of lesson plans from the curriculum of the State of São Paulo; 2) Implementation of the classes and record the data in a field diary; 3) Focus group with students, after the implementation of the classes to evaluate them. The results were grouped into three main categories: Media and Football, Gender and Football and Video and Football. Regarding the category Media and football, it was found that students who did not know or had little information about the concept, came to their understanding. Through the classes, they had opportunities to discuss and reflect on information through the video, which associated with livings, helped the students' understanding of subject. The category Gender and Football appeared in the results because of the issues that arose during the implementation of the classes and in the focus group. It was observed that this was a matter present in physical education classes that context and influenced the participation of students in the classes of physical education. The results of the Video category and Football indicate that it can become an educational tool that helps the teacher and the teaching content (in this case the football), and that, moreover, can be a facilitator in the teaching / learning process for its dynamic characteristics, which is opposed to the traditional model of education. It is considered that the need for planning to use video in school should be taken into consideration because the teacher will need to have some time to gather the information and prepare a video to help achieve their educational goals. Which means that in many situations it may become impracticable, by the lack of technical knowledge of this tool, a fact that points to the need of the technologies being discussed and used in initial training and in continuing education of teachers.

Keywords: School Physical Education. Soccer. Communication Technologies and Information.

Sumário

APRESENTAÇÃO	10
1. INTRODUÇÃO	12
1.1 Objetivo.....	15
2. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, FUTEBOL E O CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO	16
2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	16
2.2 FUTEBOL	18
2.3 CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO	23
3. TIC E VÍDEO NA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA.....	27
4. MÉTODO.....	36
Etapa 1: Elaboração dos planos de aula de Futebol, à partir do currículo do Estado de São Paulo, utilizando os vídeos como recursos didáticos.....	36
Etapa 2: Implementação das aulas para uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental	38
Etapa 3: Avaliação das aulas pelos alunos.....	39
Participantes	40
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	42
Mídias e Futebol	42
Gênero e Futebol.....	48
Vídeo e Futebol	53
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	65

APRESENTAÇÃO

Atualmente o Futebol está totalmente inserido na sociedade brasileira, e é destaque dos meios de comunicação e também das possibilidades de lazer em nosso país.

Desde pequena a aproximação que tive com esporte, se iniciou pelo Futebol, quando por volta dos oito anos já acompanhava pela televisão jogos de Futebol, e sempre questionava o meu pai, sobre as regras e também outras dúvidas que se passavam durante as partidas.

Além disso, ia aos jogos, já que meu pai participava do Futebol amador da cidade, e isso para mim, era motivo de muita alegria, pois cada sábado era um espaço propício para assistir aos jogos. Depois das partidas, podia jogar livremente com outras crianças que estavam no local.

Ainda na infância, passei a acompanhar o jornalismo exibido pela televisão e também a ter gosto pelo jornal (folha de São Paulo/esporte), no qual acompanhava as principais notícias do “mundo da bola”.

Na adolescência esse interesse continuou e sempre foi “comum” assistir aos jogos de Futebol televisionados nas quartas-feiras e domingos, mas nesse tempo não frequentava mais os campos.

Por iniciativa própria tive a experiência de jogar por um tempo o futebol society e de campo, além de algumas vivências no futsal. Simultaneamente conheci outros esportes e comecei me vincular mais a eles, foi o caso do tênis de mesa e do voleibol. Participava de treinos e passava boa parte da minha semana me dedicando a tais modalidades.

Na faculdade meu interesse pelo Futebol continuou e pude ver por meio da disciplina, de livros e artigos acadêmicos, que existiam outras formas de se ensinar e aprender Futebol. A prática prazerosa que havia aprendido na minha infância continuava a fazer parte do processo, inclusive era possível resgatar jogos e brincadeiras vinculados à modalidade.

O Futebol nas aulas de Educação Física escolar poderia seguir uma perspectiva crítica, que no meu caso, foi constituído por meio de vários recortes sociais que tive contato, mas não especificamente na escola. Percebi que era possível relacionar o Futebol com temas como: mídia, gênero, ética, entre outros. Essa perspectiva foi de encontro com o que eu acreditava (mesmo sem ter essa dimensão) e me fez refletir em

como seria/deveriam ser minhas aulas quando tivesse a possibilidade de trabalhar com Educação Física na escola.

Inserida no mercado de trabalho em 2012, vi o quanto os alunos amavam Futebol, e queriam que esse conteúdo fosse “ministrado” (permitisse que eles jogassem) nas aulas. Pelas observações que realizei naquele período, já como docente, percebi que existiam alguns fatores que serviam de “motivações” para que o Futebol fosse tão desejado nas aulas.

Uma dessas possibilidades está relacionada à representatividade do Futebol em nossa cultura, ou seja, pela forma como ele foi difundido e é querido por grande parte da população. Em muitos casos, os alunos não conhecem outros conteúdos através das aulas, sendo assim, procuram sempre o Futebol, já que do pequeno repertório que reconhecem, é o que mais lhe agradam.

Nesse cenário, confirmei algumas hipóteses que tinha enquanto estudante de graduação, do estágio atual da Educação Física na escola. Em um primeiro momento, parecia que se ministrasse aulas de Futebol, estaria fazendo a mesma coisa que todos os outros professores, que não tinham uma prática docente admirada por mim. Mas, como disse anteriormente os alunos não queriam que a professora ensinasse Futebol, mas que desse um tempo da aula para que eles pudessem jogar livremente, o que é bem diferente.

Já que a prática agradava grande parte dos alunos, mas era excludente para outra, pensei em como oportunizar o Futebol de maneira diferente. E desde então, tenho ministrado esse conteúdo, algumas vezes na escola. Essas considerações proporcionadas pela minha trajetória me ajudaram a refletir sobre o que hoje entendo como importante quando penso no “por quê ensinar”, “o que ensinar” e “para que ensinar” Futebol nas aulas de Educação Física. Uma prática que tem os aspectos do movimento em sua essência, mas que pode avançar também em discussões sociais e críticas, para que o aluno consiga relacionar o esporte e a sociedade na qual está inserido de forma autônoma.

1. INTRODUÇÃO

O Futebol a partir do século XX vem influenciando consideravelmente a sociedade brasileira. No seu início era conhecido como um esporte da elite, mas a partir da década de 1920, se popularizou da forma como é conhecido hoje, por todas as camadas da sociedade (DAOLIO, 2006).

Atualmente o Futebol tem aberto espaço para reflexões em diversos setores da sociedade brasileira. Além de uma modalidade reconhecida pela cultura brasileira há décadas, estudiosos sobre o assunto ampliam os questionamentos sobre a prática e a relação com as questões sociais e culturais, tais como: mídias, questões de gênero e o Futebol na escola.

Na escola o aluno chega para as aulas de Educação Física, com um conhecimento prévio em relação ao Futebol, devido às marcas culturais que tal fenômeno representa para a sociedade brasileira. Por meio da prática na rua, no clube ou pelo jogo que acompanhou pela televisão, ele possui uma bagagem cultural sobre a modalidade. Quando esse conteúdo é colocado em pauta nas aulas da disciplina, é possível ampliar o conhecimento dos alunos, e permitir além de vivências ligadas a prática do esporte, discussões sobre o conhecimento da história da modalidade, a importância das regras, o repúdio à violência e a dimensão cultural que a modalidade ganhou em nosso país.

Para que seja garantido um ensino de qualidade, entretanto, é preciso que sejam aprofundados os conhecimentos, abordados por meio das três dimensões dos conteúdos, nos diferentes aspectos e suas significações. Isso implica em ir além do fazer (técnicas e táticas) e abordar temas como a relação desse esporte com a cultura, suas transformações ao longo da história, o Futebol feminino e sua expansão (causas e efeitos), mitificação dos atletas de Futebol, grandes nomes da história, violência nos campos, entre outros temas (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2007).

No ano de 2008 a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, propôs um currículo básico para ser aplicado nas escolas da rede no Ensino Fundamental (ciclo II) e Ensino Médio, com a intenção de apoiar o trabalho realizado pelas escolas e também oferecer subsídios para a melhoria da aprendizagem dos alunos, para isso houve uma recuperação, revisão e sistematização de documentos, publicações e diagnósticos que já existiam, e a análise de projetos ou iniciativas realizadas (SÃO PAULO, 2011).

Diante dessa iniciativa, parte das escolas aderiu ao currículo da forma como ele foi planejado, enquanto outras não assumiram essa proposta por uma série de justificativas.

Para Castellani Filho (2013) alguns pontos podem ser enfatizados em relação à deficiência da aplicação da proposta curricular, como: falta de apoio didático, recursos físicos e materiais que possibilitem o desenvolvimento dos conteúdos e atividades propostas.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) vêm ganhando espaço em diversos grupos sociais, principalmente para crianças, jovens e adolescentes em idade escolar. Há uma diversidade de recursos tecnológicos como *notebooks*, *tablets* e celulares que são manipulados por esse público diariamente e muitas vezes tornam-se uma forma expressiva de comunicação.

Já o vídeo tornou-se de fácil acesso à população, independente da faixa etária, seja como produção caseira, ou por meio de download de arquivos disponíveis na internet.

O vídeo representa uma forma multilinguística, por meio de códigos e significações, predominantemente audiovisuais, próxima da sensibilidade e da prática do homem urbano (MORAN, 1995).

Mattar (2013) indica que os vídeos se tornaram muito utilizados na educação, a partir deles é possível usufruir de vários recursos, tais como: texto, áudio e imagens.

A área da Educação pode usufruir desse recurso e explorar suas diversas opções, como um instrumento pedagógico, de modo a garantir os objetivos de cada disciplina de maneira atual e atrativa. Desse modo, a elaboração de vídeos por parte dos alunos torna-se em diversas situações um momento prazeroso e relevante.

Uma proposta de utilização do vídeo é explorá-lo como expressão, principalmente para crianças e jovens. A escola precisa estimular a produção de vídeo por parte dos alunos. Quando estimulado a novas práticas, o aluno acaba rompendo com a forma que aquilo era explorado anteriormente, se tratando do vídeo onde muitas escolas, utilizavam com um recurso para “passar o tempo” (MORAN, 1995).

Para Kenski (2010) em algumas situações, os alunos reconhecem que o vídeo está sendo utilizado como uma forma de “ocupar o tempo da aula”, sem uma proposta estruturada para a sua utilização.

Mas, como utilizar o vídeo a favor do processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física escolar? Indo mais além e associando essas perspectivas: como se pode aliar o ensino do conteúdo Futebol e a utilização do vídeo?

Em alguns estudos, pesquisadores aproximam conteúdos da Educação Física escolar às tecnologias, por meio de jogos virtuais, vídeos, blogs, redes sociais, entre outros. Como em estudo realizado por Carvalho (2012), que produziu um vídeo didático sobre ginástica e avaliou as possibilidades da utilização dessa tecnologia audiovisual nas aulas de Educação Física escolar, junto a professores do Ensino Fundamental público. Betti (2006) em seu trabalho buscou experimentar e avaliar o uso de matérias televisas como conteúdo e estratégia de ensino nas aulas de Educação Física escolar.

Diante do exposto, justifica-se o desenvolvimento desse trabalho por meio dos seguintes argumentos:

O Futebol é um esporte culturalmente conhecido no Brasil, e praticado em espaços como: praças, clubes, ruas e escolas, além de sua visibilidade através das mídias, na transmissão de jogos, e no consumo dos mesmos, o marketing envolvendo os jogadores, e outros assuntos como: violência nos estádios, racismo e a ética no esporte. Em eventos esportivos como a Copa do Mundo de Futebol o país “pára” para assistir os jogos da seleção masculina, tal prática não se limita apenas ao jogo, mas também a confraternização, debate e discussão dos jogos.

É imprescindível que o conteúdo Futebol seja desenvolvido além dos aspectos procedimentais (vivências) nas aulas de Educação Física escolar, a fim de promover a reflexão, e a autonomia do aluno em relação a essa prática.

O vídeo é um recurso pedagógico importante que pode ser utilizado no contexto escolar, permitindo a interação entre professor e aluno, de maneira dinâmica. Além disso, ele é muito próximo do aluno, por causa de seus recursos audiovisuais. A utilização de uma ferramenta pedagógica como o vídeo nas aulas, modifica as relações de ensino e aprendizagem tradicionalmente construídas.

A possibilidade de se ensinar o Futebol tradicionalmente conhecido nas aulas de Educação Física, aliado a uma ferramenta pedagógica (vídeo) que possibilite a ampliação das temáticas vivenciadas no decorrer das aulas.

1.1 Objetivo

O objetivo dessa pesquisa foi elaborar e implementar uma unidade didática sobre o conteúdo Futebol para o 9º ano do Ensino Fundamental, à partir do currículo do Estado de São Paulo, utilizando o vídeo como recurso pedagógico, além disso, avaliar as impressões dos alunos sobre as aulas.

2. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, FUTEBOL E O CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO

2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física escolar foi oficialmente introduzida no Brasil, em 1851 por meio da reforma Couto Ferraz, mas apenas nas escolas do Rio de Janeiro. Nesse início a Educação Física foi influenciada pela classe médica, de concepção higienista, cuja preocupação estava centrada nos hábitos de higiene e saúde, e na valorização, a partir do exercício físico, de aspectos físicos e da moral.

A partir da década de 1920, por causa das reformas educacionais, vários estados brasileiros incluíram a Educação Física nos currículos escolares com o nome de ginástica (BETTI, 1991). Nesse período, os militares passaram a exercer maior influência na área, difundindo uma perspectiva cujo objetivo era a formação de indivíduos fortes fisicamente prontos para o combate, lutas ou guerra.

A Educação Física por meio dessas concepções era baseada fundamentalmente em questões relacionadas à prática, ou seja, a fundamentação teórica não fazia parte desse contexto (DARIDO; RANGEL, 2005).

Nas décadas de 1950 e 1960, com o sucesso da seleção brasileira de Futebol por conta da Copa do Mundo, a Educação Física escolar foi associada ao esporte e de maneira mais específica, o Futebol. Com o título de 1970, alcançado pela seleção brasileira, as aulas de Educação Física na escola passaram a ter predomínio das atividades esportivas, o que fez surgir a concepção esportivista (DARIDO; RANGEL, 2005).

Nessa concepção o aluno e a escola deveriam servir ao esporte, ou seja, teriam que se adaptar a ele, e não o esporte atender os interesses educacionais, considerando os interesses e características do aluno e da escola (BETTI, 2009).

Mas a partir da década de 1980, surgiam então novas abordagens pedagógicas, que tinham como característica em comum, a oposição ao modelo tradicional daquele período. Sendo as principais: Psicomotricidade, Desenvolvimentista, Construtivista, Crítico-superadora, Crítico-emancipatória, Saúde-renovada e PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), dentre outras (DARIDO; RANGEL, 2005).

Um novo modelo foi sendo aplicado na escola após esse período de críticas excessivas ao esporte. Nesse modelo os alunos decidem o que fazer no decorrer da

aula, o professor passa a ser um “expectador” da mesma, exercendo poucas intervenções pedagógicas (DARIDO; RANGEL, 2005).

Atualmente na Educação Física escolar, parte dos professores aderem o conceito de cultura corporal alavancado pelos PCN e apresentado em alguns currículos estaduais como objeto da Educação Física na escolar, mas em alguns lugares o modelo rola-bola coexiste.

O conceito de cultura corporal é proposto pela obra Coletivo de Autores (SOARES et al., 1992) e incorporado pelos PCN (BRASIL, 1997). Atualmente essa concepção tornou-se difundida no meio acadêmico e também na realidade escolar. Mas, afinal, em que se baseia essa concepção de cultura corporal?

Ao andar, correr, arremessar e saltar são promovidas interações sociais entre os homens e o meio. Esses movimentos foram construídos a partir das necessidades, interesses e possibilidades corporais humanos, e são fruto de diferentes significados, percorrendo a história de diferentes culturas da humanidade. Essa produção em termos de movimento incorporou-se no comportamento humano, denominada então de cultura corporal. Assim, diferentes manifestações surgiam, como: danças, jogos, brincadeiras, práticas esportivas, entre outras (RCNEI/BRASIL, 1998).

No Brasil diversos autores usam denominações diferentes para o termo: cultura corporal (PCN, 1997), cultural corporal de movimento (BETTI, 1996; BRACHT, 1992) e cultural do movimento (KUNZ, 1994).

De acordo com Bracht (1999) a cultura corporal ou de movimento assume uma dimensão significativa na vida do cidadão. Nesse sentido, a escola não deve reproduzi-la somente, mas possibilitar que o indivíduo se aproprie dela de forma crítica, para exercer a cidadania. A tarefa de introduzir o indivíduo na cultura corporal ou de movimento de maneira crítica é tarefa da escola e especificidade da Educação Física.

De acordo com Darido e Rangel (2005) a Educação Física escolar tem como objetivo resgatar o que foi produzido historicamente em termos de movimento, transmitir para os alunos e transformar esse conhecimento. Ao trazer um conhecimento novo para uma de suas turmas o professor de Educação Física, pode contextualizar onde surgiu aquela prática, quais alterações ela sofreu ao longo dos anos, qual era o público que a praticava em seu início e atualmente.

Além disso, os alunos podem vivenciar em diferentes espaços da escola essas situações, debater sobre o tema, o professor poderá criar situações- problemas, onde

em grupos eles terão que resolver. Essas situações cumprem o papel de resgatar e transmitir determinado conhecimento. Durante ou após a aplicação dessas aulas, o aluno a partir dos subsídios que foram fornecidos, poderá usufruir daquela prática, adaptando à sua realidade, ou seja, praticando no clube, em casa, na rua ou praça, ele poderá usufruir da forma como lhe convém. O movimento pelo movimento não tem mais sentido algum quando a concepção utilizada vai de encontro com a perspectiva da Cultura Corporal. É importante que as aulas sejam contempladas a partir das dimensões dos conteúdos, tendo caráter: conceitual, procedimental e atitudinal.

Ao longo da história a Educação Física na escola esteve ligada muito a dimensão procedimental, ou seja, ao saber “fazer”. Os professores se preocupavam em oferecer aos alunos vivências das práticas e não davam o mesmo espaço para os conceitos (dimensão conceitual) e as atitudes e valores (dimensão atitudinal). Já os conteúdos da dimensão conceitual estão relacionados ao “saber sobre” determinado tema, ou seja, o conhecimento sobre os conceitos, fatos e princípios. Os conteúdos atitudinais, estão ligados as atitudes, valores e normas de conduta que podem e devem ser incorporados pelos alunos a partir da compreensão e vivência dos diversos elementos da cultura corporal (DARIDO; RANGEL, 2005).

Na perspectiva de Educação e Educação Física é preciso levar em consideração procedimentos, fatos, conceitos, atitudes e os valores como conteúdos com o mesmo nível de importância (DARIDO; RANGEL, 2005).

O aluno não é valorizado somente por aquilo que ele sabe fazer em termos de movimento, mas é importante que ele tenha propriedade ao discursar sobre os conceitos, e também saiba se relacionar com seus colegas e professor, além de levar isso para a vida.

2.2 FUTEBOL

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) orientam a disciplina de Educação Física na escola quanto à estruturação de seus conteúdos em blocos, a fim de contemplar a diversas possibilidades do que se pode ensinar na disciplina.

O documento apresenta três blocos de conteúdos para serem aplicados nas aulas de Educação Física escolar: esportes, jogos, lutas e ginásticas; atividades rítmicas e expressivas e conhecimentos sobre o corpo. Para a escolha desses três blocos foram utilizados alguns critérios, sendo eles: relevância social, características dos alunos e características da própria área (PCN/BRASIL, 1998).

Com isso, o conteúdo Futebol garante seu espaço como conteúdo da Educação Física escolar, segundo os PCN (BRASIL1998), por meio do bloco de conteúdos: esportes, jogos, lutas e ginásticas.

Atualmente o Futebol é visto como uma possibilidade de prática por qualquer camada social brasileira, em diversos espaços: escolas, praças, várzea ou clubes.

Mas e historicamente como foi seu processo de introdução na sociedade brasileira?

Para Freire (2003) muitos podem achar que o Futebol foi inventado no Brasil, por conta da intimidade do povo com a modalidade, mas foram os ingleses que trouxeram o esporte para o país.

Durante o tempo que o Futebol foi praticado pelas altas camadas da sociedade, tinha um caráter amador, por conta de sua própria origem inglesa, da aristocracia. O povo começou a participar lentamente, por meio das “peladas” com os meninos pobres e, sobretudo negros, que não frequentavam a escola e iam se desenvolvendo nesse esporte, que era novo (BETTI,1997).

Alguns autores preocupados com o ensino do Futebol colocam em seus estudos, possibilidades de como ensinar o esporte nas aulas de Educação Física escolar. De acordo com Freire (2003), conseguir ensinar Futebol no Brasil é aproximar-se da pedagogia da rua. Ou seja, um dos propósitos é trazer essa cultura do universo futebolístico do brasileiro para o ambiente escolar. O autor complementa dizendo que se por um lado, o seu ambiente “natural” será substituído pela escola, isso acaba sendo compensando com a possibilidade de bons profissionais, que sejam da área, para ensinar Futebol.

O Futebol é uma das principais manifestações da cultura brasileira, se mantém renovado e está constantemente atualizado (DAÓLIO, 2005). Para Darido e Barroso (2009), no ambiente escolar os alunos terão contato com as modalidades esportivas de uma maneira pedagogicamente estruturada para a aprendizagem dos conteúdos.

O esporte atualmente está presente tanto na vida escolar quanto fora dela, e as crianças, mesmo durante os pequenos intervalos de recreio e entrada escolar, se deparam com o jogo. Muitas vezes, de forma brilhante, esse jogo é criado por elas mesmas e tem suas próprias regras, sendo realizado em pequenos espaços e com material alternativo, tais como bolas de papel, de meia, latas, tampinhas, e, embora possuam regras próprias adequadas ao espaço e ao número de participantes, em sua

essência trazem traços marcantes do esporte oficial, como o gol, a cesta, o arremesso e a defesa”. (VOSER, 2002, p.91)

Para Macagnan e Betti (2014) o Futebol na escola tem papel especial nas aulas de Educação Física, como forma de conteúdo, muitas vezes utilizando o Futebol de salão (futsal). Por conta da importância cultural que o esporte adquiriu no país, também possível vê-lo em outros espaços escolares, como: recreio, intervalo ou nas conversas dos alunos.

De acordo com Souza e Darido (2010) nas aulas de Educação Física escolar no Brasil, o Futebol é um dos conteúdos mais presente. Mas o Futebol que é “ensinado” durante essas aulas, raramente extrapola aspectos técnicos e o jogar livremente.

O Futebol tem grande importância nas aulas de Educação Física escolar, já que é um conteúdo tradicional nas aulas dessa disciplina. Nas aulas, sua implementação deve “extrapolar” o rola-bola (desinvestimento pedagógico) tão disseminado pelas escolas brasileiras ainda hoje, onde o professor simplesmente “entrega” o material para os alunos e eles podem realizar as atividades que quiserem, sem intervenção pedagógica. É necessário que o Futebol ao ser ministrado nas aulas de Educação Física escolar, seja vivenciado, discutido e refletido. Não trazer este conteúdo para as aulas, é abrir mão de um conteúdo com grande disseminação em nossa sociedade, além dos seus valores culturais para o país.

Se por um lado, o Futebol está presente na sociedade, e tem destaque na escola não somente nas aulas de Educação Física, mas também em outros momentos. Quais temas poderiam ser levados em consideração pelo professor, além de aspectos técnicos e o jogar livremente durante as aulas?

De acordo com Souza e Darido (2010), é importante questionar quais são os aspectos relacionados ao Futebol que devem receber um tratamento didático-pedagógico a fim de contribuir para a formação crítica e autônoma dos alunos, para que o indivíduo possa ler o mundo ao seu redor.

Os temas que estão presentes na mídia também fazem parte das discussões e dos comentários dos alunos em relação ao Futebol. Nesse caso, assuntos como: violência, gênero, alto rendimento, ética e outros, são de grande relevância e merecem ser refletidos quando o conteúdo é ministrado em aula.

Além disso, as aulas podem proporcionar situações onde o aluno seja desafiado a criar soluções, e não seja apenas um mero espectador, no processo de

ensino/aprendizagem. Ao oportunizar um ambiente com tais características, de modo a vivenciar e discutir relacionados ao Futebol, o professor estará favorecendo um ambiente de aprendizagem.

De acordo com Freire (2003) no decorrer da aula é possível que o professor coloque os alunos em situações desafiadoras, e fazer com que eles criem soluções, para que haja a compreensão de suas próprias ações.

Para Barroso e Darido (2009) o esporte é um conteúdo tradicional da Educação Física na escola, assim, é necessário que nas aulas ele receba um tratamento pedagógico adequado. O esporte na escola é ministrado por professores que tantas vezes, focam o ensino de movimentos e gestos técnicos, mas para que o aluno tenha um amplo conhecimento do conteúdo, além da aprendizagem de movimentos esportivos, também é necessário que ele compreenda o porquê da realização dos movimentos, além de atribuir valores e atitudes apropriadas nas diferentes práticas relacionadas ao mesmo.

Em um material elaborado por Gonzalez e Bracht (2012) “Metodologia do ensino dos Esportes”, os autores questionam por que é importante ensinar esporte na escola e na disciplina de Educação Física. Os mesmos justificam que os esportes coletivos são parte da cultura corporal e a cultura configura a necessidade e responsabilidade de levar esse conhecimento para outras gerações, por meio da Educação Física, sendo esse o motivo da existência da Educação Física no currículo escolar.

Para que as pessoas possam exercer a cidadania de forma plena, é necessário que elas tenham acesso à cultura. Esse acesso não deve se limitar apenas a prática ou vivência das modalidades, mas também à compreensão das práticas. Ensinar o esporte nessa perspectiva condicionará à escolha dos conteúdos e o método que eles serão implementados nas aulas. Se é importante saber praticar um esporte, também é necessário conhecer sobre o mesmo. Os conteúdos escolhidos devem dar conta nesse sentido. Se a compreensão leva ao entendimento que além do saber fazer, é importante saber ser, é fundamental utilizar formas de trabalho que alcancem esses objetivos (GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

O professor em sua realidade local deve fazer as adequações necessárias para que esses objetivos sejam atingidos com êxito. Assim, as práticas não estarão atreladas a uma perspectiva única, como por exemplo, de valorizar apenas “saber

praticar”. Essas adequações são necessárias desde o planejamento para chegar até as aulas de Educação Física.

Para Freire (2003) existem quatro princípios quanto ao ensino do Futebol, sendo eles:

Ensinar Futebol a todos: qualquer pessoa pode aprender a jogar Futebol. Os alunos que já “sabem” jogar devem ser orientados a melhorar e os que não sabem ou conhecem pouco, devem receber atenção até que aprendam no mínimo o suficiente da modalidade.

Ensinar Futebol bem a todos: não importa o nível de habilidade que um aluno inicia, mas o professor deve ensinar a cada aluno, utilizando as melhores técnicas, respeitando o processo pedagógico.

Ensinar mais que Futebol a todos: o Futebol pode desenvolver diversas habilidades no aluno, mais que isso, ele estará aprendendo: conviver em grupo, construir regras, discutir e até discordar das regras ou mudá-las, contribuindo assim, para o desenvolvimento moral e social do indivíduo. Além disso, no tempo de aula é necessário, conversar com o aluno sobre os acontecimentos da aula, oportunizar situações desafiadoras, estimular a resolução de problemas, de modo que o aluno possa compreender suas ações.

Ensinar a gostar do esporte: Esse princípio traz questionamentos no sentido de que uma prática que ensine Futebol de maneira repetitiva, enfadonha e autoritária, não daria motivos para uma pessoa incorporar tal prática em seus hábitos de vida diária. Ao ensinar a modalidade através de brincadeiras, com diversão e atenção, tais ensinamentos serão muito mais significativos para o aluno, e com maiores chances de ele trazer isso para sua vida.

A ideia é que o aluno goste do esporte. Será que uma prática cheia de movimentos, repetições e autoritária contribuiria para o aluno nesse sentido? A questão não é apenas adquirir atividades motoras necessárias para a prática do Futebol, porque se a pessoa não gostar do que está fazendo, de nada adianta. Por qual motivo ela adicionaria isso na sua vida? O aluno precisa gostar do que está fazendo e o professor deve proporcionar um ambiente que seja prazeroso.

O Futebol no contexto escolar pode ser ensinado a partir de seus fundamentos, dinâmica do jogo e também associado a temas da nossa sociedade, como: Futebol e violência, Futebol e gênero, Futebol e mídia, Futebol e espaços de sua prática, entre outros. A aula de Educação Física escolar deve priorizar não somente as vivências

dos conteúdos, mas também os conceitos, além de promover a discussão de atitudes e reflexões sobre os mesmos.

Nesse sentido essa pesquisa, tem como proposta que os alunos possam conhecer o Futebol em uma perspectiva diferente da qual estão habituados, e para aqueles que desconhecem o Futebol, possam de alguma maneira adicioná-lo em seu cotidiano seja por meio do esporte, ou exercendo uma leitura crítica e autônoma em relação ao Futebol e seus temas discutidos em aula.

2.3 CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO

No ano de 2008 a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo propôs para as escolas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, um currículo que fosse básico e que contribuísse para a melhoria da qualidade de aprendizagem dos alunos.

Por meio de conhecimentos e produções realizadas anteriormente aliadas à experiências bem sucedidas, a Secretaria da Educação continuou na produção e também divulgação dos elementos que organizam a escola e suas aulas. A Secretaria teve como objetivo aplicar uma base comum de conhecimentos e habilidades para que as escolas trabalhassem de fato como uma rede. Além disso, outros materiais que fazem parte da rotina das escolas estaduais paulistas: caderno do gestor, caderno do professor e caderno do aluno (SÃO PAULO, 2011).

O currículo organiza as disciplinas escolares em áreas, sendo elas: linguagens, códigos e suas tecnologias; ciências da natureza; ciências humanas, e matemática. A área linguagens, códigos e suas tecnologias é formada pelas disciplinas de: Língua portuguesa, Língua estrangeira moderna (LEM), Educação Física e Arte (SÃO PAULO, 2011).

No caso da disciplina de Educação Física existe a importância de compreender o aluno por meio das diferentes realidades culturais vinculadas ao o corpo, movimento e a intencionalidade. Nesse sentido a Educação Física, não está relacionada apenas a vivências, ou uma prática mecânica. A compreensão da cultura de movimento, seus sentidos e significados na sociedade atual, são temáticas de grande importância dentro das aulas de Educação Física.

Para Kunz (1994)

[...] todas estas atividades do movimento humano, tanto no esporte, como em atividades extra-esporte (ou no sentido amplo do esporte), e que pertencem ao mundo do "se-movimentar" humano, o que o Homem por este meio produz ou cria, de acordo com a sua conduta,

seu comportamento, e mesmo, as resistências que se oferecem a estas condutas e ações [...] (p.62).

Os alunos chegam para as aulas de Educação Física escolar, nesse contexto, repletos de informações que são “bombardeadas” pela mídia, e muitas vezes, acabam aceitando uma postura, sem antes refletir de maneira crítica. Para isso, existe a necessidade do professor fazer suas intervenções, como pontos a serem discutidos e vivenciados em aula.

Outras práticas corporais fazem parte da cultura de adolescentes, pouco convencionais nas aulas de Educação Física, tais como: skate, capoeira, hip-hop e outras. E o mesmo grupo de aluno que se sente disposto a participar dessas práticas fora do contexto escolar, não tem a mesma disposição para participar das aulas de Educação Física. Partindo dessas discussões, considerando os aspectos culturais, a Educação Física deve ser repensada, e transformada, a fim de que possa ampliar e qualificar sua atuação, sem deixar de lado aquilo que fora construído pelos professores historicamente (SÃO PAULO, 2011).

Aproveitar o que é produzido e usufruído pelos alunos fora do contexto escolar, e trazer para as aulas de Educação Física é de grande valia. Quais outras impressões pode-se causar com uma prática que os alunos, já possuem determinado “domínio”? Ou seja, se um aluno conhece sobre diversas manobras de skate, e isso faz parte do cotidiano dele, quais aspectos o professor pode contribuir para ir, além disso? E para o outro aluno que não tem um conhecimento básico acerca dessa prática? São esses questionamentos que fazem repensar a lógica da aula. Além disso, aproveitar o que o aluno já conhece, e como abordar o que ainda é novo para ele? O currículo coloca temas atuais e da realidade de muitos adolescentes (skate, hip hop, capoeira) que realizam essas práticas em outros espaços (fora da escola), para fazer parte dos conteúdos a serem desenvolvidos durante o Ensino Fundamental II.

De acordo com o currículo do Estado de São Paulo (2011) a relação entre esse documento e a Educação Física:

É nesse sentido que, neste Currículo, afirma-se que a Educação Física trata da cultura relacionada aos aspectos corporais, que se expressa de diversas formas, dentre as quais os jogos, a ginástica, as danças e atividades rítmicas, as lutas e os esportes. Essa variabilidade dos fenômenos humanos ligados ao corpo e ao movimentar-se é ainda mais importante quando se pensa na pluralidade dos modos de viver contemporâneos (p.223).

Com a estruturação de um currículo básico dentro das escolas, como ponto positivo pode-se citar a organização e a estruturação na distribuição dos conteúdos, seguindo uma sequência. Outro ponto é a possibilidade de mudança de escola, caso o estudante por algum motivo necessite trocar de residência ou cidade e a continuidade no trabalho já feito anteriormente.

De acordo com Neira (2011), currículos formatados dessa forma, se caracterizam como campos fechados, não possibilitando o diálogo com o patrimônio cultural e diverso da sociedade.

Para Rocha e Daolio (2014), por ser um currículo oficial e pela distribuição nas escolas da rede municipal prevê-se que o currículo possua relevância para as aulas de Educação Física da rede paulista, mas pode-se questionar o quanto as propostas que estão nos documentos, chegam alcançar as aulas de Educação Física escolar da rede.

O currículo da forma como foi implementado tem suas contribuições para área da Educação Física escolar, já que organiza os conteúdos nas diferentes séries, além de diversificar os conteúdos, não sendo refém apenas das modalidades esportivas conhecidas tradicionalmente nas aulas de Educação Física Escolar. Para cumprir o objetivo da pesquisa, serão considerados os conteúdos relativos ao esporte/Futebol do 9º ano, que podem ser verificados no quadro que segue:

Quadro 1 – Conteúdos do 9º ano da disciplina de Educação Física/Currículo do Estado de São Paulo.

1º BIMESTRE	2º BIMESTRE	3º BIMESTRE	4º BIMESTRE
<p>Luta</p> <ul style="list-style-type: none"> - Modalidade: capoeira - Capoeira como luta jogoe esporte - Princípios técnicos e táticos - Processo histórico <p>Atividade Rítmica</p> <ul style="list-style-type: none"> - Manifestações rítmicas ligadas à cultura jovem: <i>hip-hop, streetdance</i>, entre outras - Diferentes estilos como expressões sociocultural - Principais passos e movimentos 	<p>Esporte</p> <ul style="list-style-type: none"> - Modalidade coletiva: a escolher - Técnicas e táticas como fatores de aumento da complexidade do jogo - Noções de arbitragem - Processo histórico - O esporte na comunidade escolar e em seu entorno: espaços, tempos e interesses - Espetacularização do esporte e o esporte profissional <ul style="list-style-type: none"> - O esporte na mídia - Os grandes eventos esportivos <p>Atividade Rítmica</p> <ul style="list-style-type: none"> - Manifestações rítmicas ligadas à cultura jovem: <i>hip-hop, streetdance</i>, entre outras - Coreografias 	<p>Esporte</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogo e Esporte: diferenças conceituais e na experiência dos jogadores - Modalidade "alternativa": <i>rúgbi, beisebol, badminton, frisbee</i> etc. - Princípios técnicos e táticos - Principais regras - Processo histórico 	<p>Atividade Rítmica</p> <ul style="list-style-type: none"> - Organização de festivais de dança <p>Esporte</p> <ul style="list-style-type: none"> - Organização de campeonatos

Nesse estudo, a implementação ocorreu a partir do conteúdo Futebol, proposto no currículo, no segundo bimestre. E os temas desenvolvidos foram baseados nos elencados para a modalidade nesse bimestre, sendo: técnicas e táticas como fatores de aumento da complexidade do jogo, noções de arbitragem, processo histórico, o esporte na comunidade escolar e em seu entorno: espaços, tempos e interesses, espetacularização do esporte e o esporte profissional, o esporte na mídia e os grandes eventos esportivos. Algumas alterações foram realizadas, seguindo as adaptações necessárias para que o objetivo das aulas fossem atingidos.

Os temas escolhidos pelo currículo permitem conhecimentos relacionados à prática do Futebol, enquanto técnica e tática e também discussão no campo dos valores, quando explorados temas como espetacularização do esporte. A partir dos temas elencados, é possível trazer para o aluno, uma abordagem crítica em relação ao Futebol, além de oportunizar conhecimentos não vistos anteriormente, e possibilitar que ao final da aplicação o aluno se interesse pela prática, seja para jogar, ou apreciar criticamente um jogo.

3. TIC E VÍDEO NA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA

De acordo com Pretto (2008) quando a escola é inserida no mundo complexo, ela se esforça para ser uma escola atual, e traz esse mundo para a escola.

Em matéria publicada no site da Unesco, a Organização das Nações Unidas, acredita que as TIC podem trazer contribuições com o acesso universal à educação, à equidade na educação, à qualidade de ensino e aprendizagem, o desenvolvimento profissional de professores, melhoria na gestão, governança e administração educacional ao fornecer de forma organizada políticas, tecnologias e capacidades.

As TIC enquanto ferramentas pedagógicas podem contribuir e serem uma espécie de potencializadoras no processo de Ensino/Aprendizagem para o professor e alunos.

Se por um lado é preciso reconhecer a importância das TIC e refletir sobre suas possibilidades quanto ao uso educacional, é preciso evitar o “deslumbramento”, vendo na tecnologia um final por si só, visando mais suas características técnicas do que seu potencial pedagógico (BELLONI, 2005).

A forma como as tecnologias comunicativas vem sendo utilizadas na educação, não contribuem para mudanças radicais, já que não há mudança na forma como os conteúdos são aplicados, nem na maneira como os professores trabalham com os alunos (KENSKI, 2010).

Colocar computadores e recursos multimídias para uma educação tradicional, de consumo das informações, é algo equivocado. A perspectiva assumida deve ser a de mudar a forma como se ensina e aprende, incluindo a interatividade como o elemento modificador dessas relações (PRETTO, 2008).

De acordo com Moran et al. (2003), se ensinar dependesse apenas das tecnologias já teríamos achado soluções há tempos. As tecnologias são importantes, mas não resolvem todas as questões que estão relacionadas com o ensinar e o aprender.

Ao oportunizar o uso das TIC na escola, é fundamental que essa ação seja planejada, de modo que se conheça as ferramentas das quais se fará uso, além de explorar suas funções pedagógicas, de acordo com os objetivos pré-estabelecidos. Se as relações entre o que vai ser ensinado, o que será aprendido e professor e aluno, forem às mesmas, não haverá mudanças nesse processo. As alterações devem vir acompanhadas das possibilidades pedagógicas.

A utilização das TIC pode engrandecer e tornar diversificada a experiência educacional possibilitando a aprendizagem por meio de diferentes perspectivas. O antigo paradigma educacional que era estruturado através de uma gama de conhecimentos acabava ignorando muitas vezes a capacidade cognitiva e criativa dos alunos. Atualmente, ele ainda não consegue dialogar com as transformações de nossa sociedade (SENA, 2011).

Segundo Belloni (2005), é importante lembrar que a educação e a tecnologia sempre caminharam juntas. As técnicas são como meios, e não conteúdos da educação, sendo assim, as TIC e a informação não são disciplinas, mas instrumentos que podem ser integrados, como objetos de estudos e ferramentas pedagógicas.

Para que haja mudanças no processo educativo, é preciso que as TIC sejam compreendidas e incorporadas de maneira pedagógica. É necessário entender as especificidades do ensino e da tecnologia, já que sua utilização faça a diferença no contexto proposto. O fato de utilizar uma tecnologia não basta, é preciso saber usar de maneira pedagógica (KENSKI, 2010).

É relevante a ideia de promover debates sobre as TIC na educação, tendo em vista que essa não é a solução para os problemas da escola, mas uma possibilidade de aprendizagem que pode ser aplicada em aula (DINIZ, 2014).

Existe a necessidade de ir as escolas com alguma tecnologia, utilizando a mesma de maneira transversal relacionada a várias disciplinas, ou como uma disciplina própria (MIRANDA, 2007).

Nesse estudo, considera-se a ideia de que as TIC sejam introduzidas nas aulas de Educação Física como uma ferramenta pedagógica e não como o próprio fim.

Para Hack e Negri (2008), a construção do conhecimento por meio do diálogo não é algo novo, mas a novidade está nas diversas possibilidades que as TIC oportunizam na interação do processo de ensinar e aprender.

Segundo Kenski (2010), nas ações em sala de aula e no uso dos materiais disponíveis de caráter tecnológico, são redefinidas as relações entre conhecimento ensinado, autonomia do professor e uso das tecnologias para aprendizagem dos alunos. Esse pode ser um dos fatores, que causa insegurança em professores quanto à utilização das tecnologias em sala de aula. Acostumados com uma prática tradicional, desde seu período escolar e na formação inicial, optar por esses instrumentos é redefinir as relações em sala de aula, e abrir espaço para novos conflitos.

O espaço escolar que era predominantemente do ensino tradicional, passa a considerar alguns aspectos das tecnologias e sua implementação no cotidiano educacional.

O professor que passou por uma formação que valorizava sua figura como um “centralizador do conhecimento”, onde o ensinar e aprender, era claro e totalmente linear, com as tecnologias terá dificuldade em acompanhar a dinâmica totalmente diferenciada, na qual a instabilidade, por exemplo, faz parte do processo. Um exemplo disso é quando o professor utiliza o celular para que os alunos realizem uma pesquisa. Ele irá direcionar o que deve ser pesquisado, e como será o processo para chegar a essa situação, mas com o celular em mãos, o aluno poderá utilizar outras funções, abrir aplicativos e uma série de possibilidades. Para isso, o professor deveria no início do processo, deixar bem claro o objetivo da proposta, o que para um professor tradicional, muitas vezes, poderia ser inviável.

Antes de ser pensada a questão da implementação da TIC na escola, é preciso refletir sobre a formação crítica e pedagógica do professor para lidar com tais instrumentos. O professor deverá ter conhecimento tecnológico e visualizar suas possibilidades educacionais no presencial e virtual, e assim, fazer uso de diversas situações de aprendizagem, em diferentes contextos (SENA, 2011).

De acordo com Bianchi e Pires (2010) existe uma falta de estratégias políticas na formação inicial e continuada dos professores. Falta a preocupação de capacitá-los para discutir e criar propostas de cunho educativo voltadas para as TIC, de maneira crítica e qualificada.

É importante que haja formação continuada para os professores quanto a utilização das TIC, para aperfeiçoar a utilização dessas ferramentas, tendo em vista que muitos não conhecem essas possibilidades, já que não foram tratadas na formação inicial (DINIZ, 2014).

Um dos problemas quanto ao uso das tecnologias é que alguns professores têm “uma concepção romântica” sobre o processo que determina a aprendizagem e a construção do conhecimento por meio das tecnologias, através do ensinar e aprender. Muitos acreditam que é suficiente utilizar computadores com softwares ligados à internet nas salas de aula, que se esses recursos forem oferecidos, os alunos vão aprender e as práticas vão se alterar (MIRANDA, 2007).

Os alunos não aguentam mais ver alguns filmes, porque pega-se o mundo da mídia, comunicação e tecnologias e há uma tentativa de enquadrar na análise sintática tradicional da escola (PRETTO, 2008).

Para Bianchi e Hatje (2007) como uma das características das TIC na educação é a de oportunizar o acesso às informações, ocorre uma descentralização do poder de comunicar em sala de aula, antes centralizado no professor.

O computador conduz a sociedade a uma série de revoluções, dentre elas, a capacidade de ensinar. Um bom professor na escola, fazendo uso dessa máquina, deixando claro seus objetivos de ensino e aprendizagem, com a missão de formar cidadãos críticos e culturalmente participativos, ciente dos seus direitos e deveres, tornaria concreto o idealismo docente e das instituições atualmente (FRANCO, 2014).

Mas, e nas aulas de Educação Física escolar, como possibilitar a utilização dessas Tecnologias da Informação e Comunicação como um instrumento pedagógico no desenvolvimento dos conteúdos?

De acordo com Bianchi et al. (2008), quando as tecnologias são introduzidas ao contexto educacional, sem planejamento e orientação pedagógica, em algumas situações, elas acabam se tornando um meio de entretenimento, e “ocupam” o espaço da aula nos dias chuvosos (na aula de Educação Física), ou quando um professor está ausente. As TIC podem assumir o papel de entretenimento ou pedagógico. Para atingir seus objetivos pedagógicos, há a necessidade de um redimensionamento na função do professor, e na formação profissional, podendo influenciar na questão de má qualidade quando tais aspectos não forem atingidos.

Uma maneira de inserir as TIC na prática da Educação Física, é planejar intervenções com os conteúdos da disciplina, agrupando outros materiais, como as possibilidades tecnológicas, além de outros espaços e metodologias, a fim de colocá-las na prática. A tecnologia deve aparecer nessas possibilidades, como algo complementar, sem sobressair às especificidades da Educação Física, deve ir além de apropriação técnica ou metodológica (BIANCHI et al., 2008).

De acordo com Biachi e Hatje (2007) na Educação e Educação Física escolar, existe uma resistência quanto ao uso das tecnologias, principalmente, pela formação profissional que não capacita os professores para utilizar e desenvolver de maneira crítica as TIC.

Alguns estudos na área da Educação Física assumem essa perspectiva de pensar as aulas da disciplina na escola, tal como aliar conteúdos específicos e o trato

das tecnologias. A pesquisa realizada por Diniz (2014) teve como proposta elaborar um blog para auxiliar professores com o conteúdo de danças folclóricas nas aulas de Educação Física escolar. No trabalho realizado por Ferreira (2014), o objetivo foi elaborar, implementar e avaliar uma sequência de aulas, nas quais os conteúdos propostos tivessem uma aplicação em conjunto com os jogos digitais.

Já Ginciene (2012), organizou um material didático virtual, utilizando jogos virtuais, vídeos, sites, blogs e redes sociais relacionados à prova dos 100metros, visando a utilização desse material nas aulas de Educação Física escolar. Essas pesquisas trazem possibilidades reais de aliar os conteúdos da Educação Física, as aulas da disciplina na escola.

O vídeo é a base da divulgação audiovisual, tornou-se acessível, e proporcionou uma melhora quanto aos registros de produção científica e cultural da humanidade (CARVALHO, 2012).

Os sentidos são tocados por meio do vídeo, por ser concreto, visível, do imediato e próximo. Através dele sentimos e experimentamos o mundo, o outro e nós mesmos (MORAN, 1995).

Desse modo, o vídeo passou a ser uma possibilidade, assim como outros instrumentos, de registrar aquilo que vem sendo construído pela humanidade.

Para Carvalho (2012), o vídeo tem objetivos relacionados às suas características específicas: vídeo empresarial, documentário, institucional. Já o termo didático, está relacionado com a finalidade e compreende-se que ele foi criado por meio de uma base (conceitos e princípios teóricos) e alguma ação pedagógica será realizada “com” ou “a partir” dele.

O vídeo possui uma ligação com a televisão, lazer e entretenimento e isso acaba chegando na sala de aula. Mas para muitos alunos, a utilização do vídeo significa um descaso e o sinônimo de não ter aula. É preciso aproveitar a expectativa positiva do uso do vídeo para atrair os alunos e alcançar os objetivos pedagógicos propostos (MORAN, 1995).

A expectativa ao uso do vídeo pode estar atrelada à sensibilização que essa ferramenta pode trazer para o processo de ensino/aprendizagem na relação professor/aluno.

Mattar (2013) indica que os vídeos se tornaram muito utilizados na educação, a partir deles é possível usufruir de vários recursos, tais como: texto, áudio e imagens.

De acordo com Moran (1995), uma proposta de utilização do vídeo é explorá-lo como expressão, principalmente para crianças e jovens. A escola precisa estimular a produção de vídeo por parte dos alunos. Quando estimulado a novas práticas, o aluno acaba rompendo com a forma que aquilo era explorado anteriormente, especificamente se tratando do vídeo onde muitas escolas, utilizam com um recurso para “passar o tempo”.

A atividade de utilização do vídeo sem propósito, e objetivos, pode gerar esses questionamentos, portanto é preciso que o professor tenha claro, o porquê irá desenvolver aquela atividade, quais são seus objetivos com aquela turma, e porque escolheu o vídeo como instrumento pedagógico para sua aula, naquele momento.

Para Souza (2005),

Os adolescentes, ao produzir suas narrativas e ver suas próprias imagens, se reconhecem como sujeitos capazes de contar histórias com a qualidade máxima que os recursos limitados lhes permitem. Suas narrativas se contrapõem ao discurso das TVs comerciais sobre escola e adolescentes, e é quando eles percebem a existência de autoria social nos discursos da mídia (p.104).

A linguagem fornecida pela TV e pelo vídeo tem uma ligação com a sensibilidade do público jovem, e de parte da população adulta. Sendo elas dinâmicas, envolvendo a afetividade antes da razão (MORAN, 1995).

No contexto escolar, cabe ao professor ficar atento a essas questões, e mostrar que existe a possibilidade desse recurso ser utilizado na escola, como um instrumento educativo. E que quando utilizado em sala de aula, não será uma reprodução, de quando é utilizado pela mídia.

Quanto à utilização de vídeo didático, Ferrés (1996) apresenta algumas possibilidades:

Vídeolição: aula expositiva gravada, com o objetivo de apresentar um conteúdo.

Vídeoapoio: imagens e discurso oral do professor.

Vídeoprocesso: utilização de imagens realizadas durante o desenvolvimento de um conteúdo, e que serão analisadas posteriormente com um enfoque específico.

Programa motivador: imagens e sons impactantes.

Programa monoconceitual: curtos e simples, com informações objetivas.

Vídeo interativo: relação entre o vídeo e o computador, o sujeito pode manipular suas escolhas.

Moran et al. (2003) criaram uma proposta de utilização do vídeo na educação escolar:

a) Do mais simples para o mais complexo: iniciar por vídeos mais simples, que sejam mais fáceis e depois exibir filmes mais difíceis e complexos (temático e técnico). Introduzir conceitos a partir de vídeos mais próximos da realidade dos alunos, e depois expandir para mais elaborados e artísticos.

b) Sensibilização: uma forma de introduzir um novo assunto na escola, para despertar a curiosidade e a motivação. Isso colaborará no desejo pela pesquisa de determinado tema por parte dos alunos.

c) Ilustração: é possível torna concreto o que é falado em aula, e compor cenários desconhecidos por parte dos alunos. A vida acaba se aproximando da escola por meio do vídeo.

d) Simulação: torna-se uma forma de ilustrar mais sofisticada, proporciona momentos que não poderiam ser realizados por falta de estrutura ou tempo. Exemplo: crescimento acelerado de uma planta ou experiências de química.

e) Conteúdo de ensino: o vídeo nessa perspectiva pode ser abordado de forma direta ou indireta. A primeira acontece quando informa sobre um tema específico orientando a interpretação, já na segunda, quando mostra um tema, possibilitando inúmeras formas de abordagem, e interdisciplinaridade.

f) Produção: forma de documentar e registrar as aulas sejam por meio de experiências, depoimentos, estudos do meio.

g) Como intervenção (seja para modificar, acrescentar, introduzir): utilização do vídeo como um meio dos alunos produzirem de forma expressiva. A experiência de filmar torna-se envolvente, para crianças como para adultos.

h) Avaliação: a possibilidade de ter o vídeo como avaliação dos alunos, do professor ou do processo.

“Espelho”: a utilização do vídeo para ser assistido e analisado, por meio da forma como nos comportamos.

O vídeo se torna inadequado para a utilização na escola, quando: vídeo-tapa buraco, vídeo-enrolação, vídeo-deslumbramento, vídeo-perfeição e só vídeo. O vídeo-tapa buraco é utilizado quando existe um problema inusitado ou ausência de algum professor. Se essa situação acontecer com frequência, os alunos acabam interpretando que o vídeo é sinônimo de não ter aula. Já o vídeo-enrolação é quando

um vídeo é exibido sem muita ligação com a disciplina, se torna uma forma de camuflar a mesma (MORAN, 1995).

A categoria vídeo-deslumbramento está voltada para o professor que descobriu o vídeo como um recurso e acredita que aquela é a ferramenta mais importante, esquecendo da importância de outros tipos de aula, o uso exagerado do vídeo diminui sua eficácia. Para o vídeo-perfeição existem professores que criticam os vídeos já existentes, por algum “defeito” quanto às informações ou de caráter estético. Mas, cabe ressaltar que mesmo os vídeos, considerados “problemáticos” podem ser utilizados para descobrir junto com os alunos, bem como questioná-lo. Na categoria só-vídeo o que ocorre é a exibição de vídeos, sem uma intervenção, seja para discuti-lo ou integrá-lo ao assunto da aula (MORAN, 1995).

As tecnologias audiovisuais na escola utilizam de materiais concretos, e assim aproximam da realidade possibilitando uma motivação na aprendizagem. (FÉRRES, 1996).

A importância de conduzir os debates e também contextualizar o que fora visto é necessária para o professor e para os alunos. Para que ocorram as discussões e a aprendizagem possa acontecer por meio do processo. Esse é um dos propósitos de utilizar o recurso multimídia.

Para Ferrés (1996), a escola deve educar no meio e com o meio. Educar no meio significa utilizar a linguagem audiovisual característica da TV, mecanismos técnicos e econômicos do funcionamento deste, para subsidiar recursos e análise crítica dos programas. Já educar com o meio, está relacionado a incorporar a linguagem audiovisual da TV para sala de aula no sentido de aperfeiçoar o processo de ensino aprendizagem.

As imagens e informações relativas às mídias devem ser objeto e meio de educação, visando instrumentalizar os alunos para estabelecer uma relação crítica e criativa com os discursos midiáticos, relativos à cultura corporal de movimento (BETTI, 2006).

Mas, como utilizar o vídeo a favor do processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física escolar? Indo mais além e associando essas perspectivas: como se pode aliar o ensino do conteúdo Futebol e a utilização do vídeo?

Em alguns estudos, pesquisadores aproximam conteúdos da Educação Física escolar às tecnologias, por meio de jogos virtuais, vídeos, blogs, redes sociais, entre outros. Como em pesquisa realizada por Carvalho (2012), que produziu um vídeo

didático sobre a ginástica e avaliou as possibilidades da utilização dessa tecnologia audiovisual nas aulas de Educação Física escolar, junto a professores do ensino fundamental público.

A escolha do vídeo como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento desse trabalho deve-se ao fato de ser algo atrativo para adolescentes, pois acaba aproximando as questões tecnológicas deles, afim de que no final das aulas, tenham se envolvido e se apropriado do uso dessa tecnologia na aula de Educação Física, e, além disso, tenha atingido os objetivos propostos no ensino do Futebol.

4. MÉTODO

Essa pesquisa caracteriza-se como qualitativa. Por um método qualitativo é possível entender a natureza de um fenômeno social. Um estudo como este pode descrever a complexidade de determinado problema, compreender e classificar processos dinâmicos vividos pelo grupo envolvido (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

Segundo Neves (1996), diferente de uma pesquisa quantitativa a pesquisa qualitativa, vai se moldando durante o estudo, conforme suas necessidades, não seguindo um padrão. O pesquisador tem uma interação junto ao foco de sua pesquisa, é então que o pesquisador investiga e assim interpreta o que fora estudado.

Para atingir os objetivos da pesquisa, a parte metodológica foi desenvolvida por meio de três etapas:

- Etapa 1: Elaboração dos planos de aula de Futebol, a partir do currículo do Estado de São Paulo, utilizando os vídeos como recursos didáticos;
- Etapa 2: Implementação das aulas para uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental;
- Etapa 3: Avaliação das aulas pelos alunos.

Etapa 1: Elaboração dos planos de aula de Futebol, a partir do currículo do Estado de São Paulo, utilizando os vídeos como recursos didáticos

A partir da utilização de vídeos e o currículo do Estado de São Paulo – Educação Física 9º ano do Ensino Fundamental II (conteúdo Futebol de Campo) elaborou-se uma unidade didática de 8 aulas.

O vídeo foi utilizado como um instrumento pedagógico no decorrer das aulas, para auxiliar na implementação do conteúdo, como possibilidade de uso dessa ferramenta em conjunto com o conteúdo da Educação Física escolar, o Futebol.

Tema 1– Introdução do tema / Futebol e Importância das Regras

Objetivo: Proporcionar aos alunos reflexões a partir da importância das regras para que o jogo aconteça para isso evidenciar algumas situações por meio de vivências que apontem para tais necessidades.

Duração: 2 aulas

Desenvolvimento da aula: No início da aula a pesquisadora propõe alguns questionamentos com relação ao tema Futebol, e quais conhecimentos podem estar relacionados com essa prática. A ideia é que após esse momento inicial, os alunos tomem conhecimento dos temas que serão ministrados em aula. Sendo eles: importância das regras, espaços da prática, comunidade local e mídia. Após esse primeiro momento, a próxima atividade será realizada na quadra, onde irão jogar um Futebol com poucas regras, de maneira que cause certo tumulto.

No início da segunda aula, a pesquisadora deve passar um vídeo sobre a importância das regras para que o jogo aconteça, e depois será realizado um Quizz com questões que foram veiculadas no vídeo. Para isso, será realizado uma brincadeira (corrida jockey po), e os alunos deverão conduzir a bola, e responder as questões conforme a demanda.

Tema 2 – Diferentes espaços da prática

Objetivo: Identificar espaços na comunidade que permitam a manifestação de modalidades esportivas coletivas e as características dos praticantes.

Duração: 3 aulas

Desenvolvimento da aula: No início da aula os alunos serão questionados sobre as diferentes possibilidades de realização do Futebol no contexto da nossa sociedade. Depois desse momento inicial, eles irão acompanhar várias imagens referentes a essas práticas (várzea, espaço público e espaço privado). Depois os alunos devem criar roteiros, com questões para pessoas que moram no mesmo bairro que eles, referentes aos espaços disponíveis naquele local.

Na aula seguinte, a ideia é que os alunos possam assistir a um vídeo sobre a história da várzea e do Futebol no Brasil, e seus espaços de prática. Após o vídeo, os alunos poderão “simular” através dos espaços presentes na escola (campo de terra e quadra) como seria a prática nesses espaços diferentes.

Tema 3 – Futebol e Mídia

Objetivo: Promover reflexões sobre a mídia esportiva e como isso é apropriado pela sociedade no cotidiano.

Duração: 3 aulas

Desenvolvimento da aula: No início da aula a ideia é questionar os alunos sobre o que é Mídia, e exibir um vídeo sobre um fato que ocorreu na Copa do Mundo de

2014 em relação ao jogador Neymar, e mostrar como um fato pode ser interpretado de diferentes maneiras pela mídia, e saber a opinião deles sobre o assunto. Na atividade seguinte os alunos irão participar de um jogo, onde serão jogadores, narradores e jornalistas, e através da vivência vão relatar a experiência de “se sentir parte da mídia”.

Já na segunda aula sobre o tema, os alunos devem realizar o “jogo do consumo”, a proposta é que ocorra um jogo de Futebol e a cada gol realizado os jogadores comprem um “item fictício” relacionado ao Futebol. Alguns produtos são vinculados ao consumo enquanto dinheiro, como ter uma chuteira da Nike, e outros a práticas sociais, como por exemplo, jogar Futebol com os amigos.

Na última aula desse tema, a partir do conteúdo Futebol que fora estudado nas aulas anteriores, os alunos terão que desenvolver um vídeo próprio. Para isso serão formados grupos, que terão que se organizar e elaborar uma narrativa que dialogue com algum tema trabalhado em aula. Os alunos irão se organizar durante essa aula, para que por meio das ideias do grupo possam elaborar a história e iniciar as gravações.

Etapa 2: Implementação das aulas para uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental

Inicialmente realizou-se o contato com a escola de Ensino Fundamental II da rede estadual de ensino de uma cidade do interior paulista, a qual contava com uma turma de 9º ano.

Após o diálogo inicial com a gestão da escola, foi realizada uma conversa com a professora de Educação Física da turma. A escola contava com materiais tecnológicos disponíveis como: data show e notebook, o que facilitou a implementação das aulas.

O TCLE foi encaminhado aos pais dos alunos, por serem menores de 18 anos. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em

Seres Humanos do Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro, sob o número de protocolo: 1.071.223.

Os dados foram coletados por meio de um diário de campo, após a realização de cada procedimento dessa etapa.

Etapa 3: Avaliação das aulas pelos alunos

Após a implementação das aulas, foi realizado um encontro com os alunos para avaliação das aulas. Por meio de um Grupo Focal, composto por 8 alunos, os mesmos foram estimulados a expressar suas opiniões sobre as aulas de Futebol e a utilização do vídeo como recurso didático para a aprendizagem.

A seleção dos participantes para o encontro, que teve a duração de uma aula, e foi gravado em áudio, foi realizada de maneira aleatória, entre aqueles que participaram da maioria das aulas ministradas.

O Grupo Focal acontece a partir da discussão em grupos e tem como finalidade revelar experiências, percepções e preferências, gerar uma gama de respostas e formular hipóteses (ASCHIDAMINI; SAUPE, 2004).

Aschidamini (2005) indica que o objetivo dos Grupos Focais é desvelar as compreensões que os participantes possuem do objeto de estudo do pesquisador, uma vez que, por meio do grupo, revelam-se opiniões e atitudes. Além disso, o Grupo Focal é importante no sentido de se conhecer as experiências e perspectivas dos participantes, revelando “o quê” e “por quê” os participantes pensam desta ou daquela maneira.

Uma das vantagens desta técnica, com relação a outras formas de coleta de informações, é de que o Grupo Focal possibilita aos participantes pensar coletivamente uma temática comum (DAMICO, 2006).

Ladeira (2007) indica ainda outras vantagens, como a multiplicidade de pontos de vista que são gerados devido ao contexto de interação criado pelo grupo, o valioso número de informações que são adquiridas em um curto período de tempo e a captação de processos mais coletivos e menos individualizados.

Questões norteadoras do Grupo Focal

- 1) O que você achou das aulas sobre o conteúdo Futebol?
- 2) A utilização dos vídeos para aprender o conteúdo foi boa? Vocês se sentiram mais motivados?
- 3) Os vídeos eram interessantes? Eram muito longos ou adequados?
- 4) Depois de aprender sobre o conteúdo Futebol no decorrer dessas aulas, qual tema te chamou mais atenção? Qual você gostou mais?
- 5) O que você achou de produzir um vídeo na aula de Educação Física?
- 6) O que você aprendeu com isso?

7) Considera essa estratégia motivadora?

8) Qual é a diferença entre assistir e criar seu próprio vídeo?

Participantes

A turma que colaborou na pesquisa contava com um total de 38 alunos. No decorrer das aulas, foi possível verificar a ausência de vários alunos, que não respeitavam muito a questão das faltas, e em determinado momento um dos alunos foi suspenso, por causa do comportamento em outra disciplina, parecia comum esse tipo de prática naquele contexto.

Existiam vários grupos na sala, que se identificavam de acordo com interesses/comportamentos. Uma das alunas estava em início de gestação. Alguns alunos possuíam dificuldades de aprendizagem, sendo alguns repetentes.

Apesar de ser uma turma heterogênea, com algumas dificuldades de relacionamento e aprendizagem, eles aceitaram muito bem a presença da pesquisadora e foram receptivos. Na última aula, já no final da implementação a pesquisadora informou sobre o término das aulas, eles se mostraram afetivos, apesar do curto tempo da implementação.

A escolha da escola na qual a pesquisa foi realizada ocorreu em função da possibilidade de horários e disponibilidade da escola e da pesquisadora. Durante quatro semanas, a pesquisadora ministrou duas aulas por semana para a turma de 9º ano.

Logo no início foi possível verificar que o que foi planejado para a implementação precisaria ser modificado. Apesar de ser um 9º ano e o material utilizado como base ter sido o currículo do Estado de São Paulo (caderno do professor), cada turma apresenta características próprias e necessita de estratégias específicas para que os objetivos possam ser alcançados. Foram elencadas três temáticas de grande importância em relação ao tema Futebol:

- Futebol e Importância das regras
- Futebol e Espaços da prática
- Futebol e Mídia

A partir dessas temáticas o conteúdo começou a ser ministrado. Além disso, foi desenvolvido e editado um vídeo para cada uma das temáticas.

O vídeo sobre a “importância das regras” foi retirado do youtube de uma série da folha de São Paulo, dividida em vários capítulos, da qual a pesquisadora escolheu os que acreditava ser de maior relevância.

No conteúdo "Futebol e espaço da prática" foi necessária a edição de um vídeo utilizando imagens, música e a criação de um texto (baseado no caderno do professor). Na produzir esse vídeo, foi necessário disponibilidade de tempo por parte da pesquisadora para que o material ficasse adequado. Cabe ressaltar as possibilidades atuais de encontrar bons materiais na internet que podem auxiliar na preparação e implementação das aulas. Principalmente com relação às questões multimídias. As imagens e vídeos são importantes e sensibilizam os alunos quando utilizadas em sala de aula, é uma estratégia relevante para ser implementada na escola. A facilidade com que conseguimos esse material por meio de notebooks e celular, também merece destaque.

Nesse caso, os vídeos foram elaborados com tranquilidade já que houve um tempo específico para isso, mas em outras realidades talvez o professor não tenha essa mesma possibilidade, devido a vários fatores, sendo um dos principais o grande número de aulas.

Já no tópico sobre a “mídia” a pesquisadora utilizou um vídeo disponível no youtube, sobre um fato bem conhecido dos alunos. Um episódio que aconteceu na Copa do Mundo de Futebol de 2014, no qual um jogador do Brasil (Neymar) se machucou. A mídia relatou de várias formas esse mesmo episódio, que foi mostrado sob duas perspectivas e fontes diferentes (sites).

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da presente pesquisa derivam da implementação das aulas e do Grupo Focal e a partir dos mesmos foram criadas categorias para agrupamento e análise dos dados, as quais serão apresentadas a seguir: Mídias e Futebol, Gênero e Futebol e Vídeo e Futebol.

Mídias e Futebol

As mídias em especial a televisão, transmitem muitas informações em relação à cultura corporal de movimento com ênfase no esporte, para um número grande de pessoas, incluindo os alunos que estão em idade escolar e participam das aulas de Educação Física (BETTI, 2001).

Quadro 2 – Implementação das aulas / Datas e Temas

Desenvolvimento da Pesquisa	Datas / Temas
10/08 e 13/08	Aula 1 e 2 / Introdução do tema - Futebol e Importância das Regras
17/08, 20/08 e 27/08	Aula 3, 4 e 5 / Diferentes espaços da prática
31/08, 10/09 e 14/09	Aula 6, 7 e 8 / Mídias e Futebol
17/09	Grupo Focal

A Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar o cidadão que saiba se posicionar de forma crítica em relação aos novos elementos da cultura corporal, como por exemplo, o esporte espetáculo dos meios de comunicação (BETTI, 2003).

A cultura corporal quando relacionada ao consumo de informações e imagens, é publicamente partilhada na sociedade contemporânea. É possível considerar a ideia de que, em breve, muitos alunos vão conhecer mais sobre alguns aspectos da cultura corporal, que alguns professores, mas que tantas vezes, as informações disseminadas pela mídia, não são totalmente confiáveis (BETTI, 2001).

Por meio de uma Educação Física que articule vivência corporal, conhecimento e reflexão, na perspectiva da cultura corporal de movimento, os resultados serão positivos, além da possibilidade de relacionar-se criticamente com as mídias (BETTI, 2001).

De acordo com Betti e Camilo (2010), a Educação Física escolar pode empenhar-se no processo de incorporação das mídias no currículo escolar. Para Betti (2001) as mídias-cultura corporal, trazem um problema pedagógico para essa disciplina.

A temática Mídias nas aulas de Educação Física escolar pode colaborar para a discussão e reflexão de vários assuntos que vão de encontro com elementos da cultura corporal. Os esportes tão veiculados nos meios de comunicação sofrem influência diretamente, além de influenciarem também a Mídia. Levar esses debates para as aulas e problematizar é avançar nessas discussões.

A escola, e em especial a escola pública tem o papel de estimular uma educação voltada para as Mídias (Educação para os Meios) (GOMEZ, 1997).

As mídias tomaram um espaço no cotidiano por meio da linguagem audiovisual (sons, imagens e palavras), elas transmitem as informações, alimentam o imaginário e constroem uma interpretação de mundo. Cabe ressaltar que muitas dessas informações transmitidas por meio da mídia, tantas vezes, possuem caráter de espetáculo e entretenimento, distante de preocupações educativas formais (BETTI, 2001).

Atualmente a mídia se articula com os conteúdos da Educação Física em várias perspectivas, mas cabe ressaltar a ligação desse tema com o conteúdo Futebol. Os meios de comunicação noticiam as diferentes informações que são escritas e editadas, de acordo com a fonte onde é produzida. Cabe à escola oportunizar essas discussões, e às aulas de Educação Física discutir o fenômeno esportivo, relacionando-o com a mídia.

A espetacularização do esporte é a fragmentação e descontextualização do fenômeno esportivo, assim, os acontecimentos são retirados de seu contexto histórico, sociológico e antropológico (BETTI, 2001).

A aula de Educação Física na escola deve trazer os conhecimentos referentes às modalidades esportivas de forma crítica, não reproduzir o que é veiculado pela mídia e tantas vezes difundido entre os alunos, mas levar à uma abordagem consciente que contextualize as modalidades com aspectos relacionados à

história, regras e temas atuais como gênero, racismo e as próprias questões midiáticas, entre outros.

De acordo com Betti (2001), se nas antigas gerações a televisão não substituía a prática do futebol (ruas e terrenos baldios), onde prevalecia o caráter lúdico, atualmente, as novas gerações, já nascem com a televisão em casa e convivem com o esporte telespetáculo, tal fato, tende a substituir ou anteceder a prática.

Os meios de comunicação de massa lançam um desafio para os educadores, o de enfrentarmos esses meios com astúcia, estratégia e métodos, ou perdemos a relevância enquanto educadores (GOMEZ, 1997).

O professor deve estar atento no ensino do Futebol, a fim de valorizar os pontos positivos vivenciados por outras gerações, como a disputa de formas lúdicas nas ruas. Mas, seus apontamentos não devem parar aí, pois fica apenas no “saudosismo”, e acaba sendo algo muito mais de lembranças, do que aproveitar o que fora produzido em outro momento. Já que as gerações atuais nascem em outro contexto com equipamentos tecnológicos, como proporcionar por meio desses meios, e também com “as antigas práticas” um futebol consciente e educativo nas aulas?

Segundo Ferrés (1996) a aprendizagem não ocorre sem a motivação, e a escola não coloca uma ênfase no aspecto motivacional. Será que “abrir mão” das possibilidades tecnológicas para uma geração que nasce e vive nesse contexto, não é cancelar a motivação dos próprios alunos?

Aproveitar o que foi produzido historicamente e dar relevância para as tecnologias enquanto uma estratégia pedagógica parece ser um caminho para alcançar os estudantes dessa geração, tão conectada que podem utilizar seus dispositivos até mesmo fora do contexto escolar.

De acordo com Ferrés (1996) é positivo que o aluno prolongue a aprendizagem além dos muros da escola, portanto, se eles estiverem estimulados há um contexto de comunicação ativa, de análise crítica, a reflexão aparecerá espontaneamente quando estiverem fora da sala de aula.

Quanto à implementação do tema Mídias e Futebol na aula inicial, a pesquisadora apresentou um questionamento sobre o que é Mídia, e um dos alunos disse que era algo vinculado a um “jogo” e alguns outros disseram “globo”. Parece que o conceito de Mídia, não era algo claro para os alunos e por meio de exemplos e questionamentos a pesquisadora apresentou o tema.

Já no grupo focal quando iniciadas as discussões, a primeira pergunta era em relação ao que eles aprenderam no decorrer das aulas ministradas pela pesquisadora e a Mídia foi um dos temas que apareceu, junto com Regras, passe da bola, espaços do campo, diferença entre campo e várzea e regras de jogo. No grupo focal quando questionados sobre o tema Mídia e o que aprenderam, os alunos responderam:

E na mídia o que vocês aprenderam? (PESQUISADORA)
Como um site pode influenciar o modo de ver de uma imagem.
(ALUNO 2)
São os comerciais? De propaganda de futebol? Programas que falam a respeito do futebol. No caso relacionando com o Futebol, né?
(PESQUISADORA)
Isso. (ALUNO 2)
Cada um tendo sua opinião. (ALUNO 5)

É interessante verificar que após algumas aulas sobre o tema, um assunto que era desconhecido por eles, passa a se tornar algo com mais sentido e fazem os primeiros apontamentos sobre o tema. No início quando as aulas foram preparadas, a pesquisadora pensou que não encontraria dificuldades em trabalhar com a temática, já que por ser um 9º ano do Ensino Fundamental, seria um assunto não apenas abordado na disciplina de Educação Física, mas também nas outras disciplinas escolares. Mas, na primeira aula sobre o tema, foi possível verificar a dificuldade dos alunos em entender do que se tratava.

Na primeira aula sobre Mídia, foi exibido para os alunos um vídeo de uma situação de jogo da Copa do Mundo de 2014, na qual o jogador Neymar sofreu uma lesão. Durante o planejamento dessa aula, a proposta era coletar um material que “chamasse a atenção” dos alunos, que estivesse relacionado à realidade deles. Como o jogador Neymar, é um dos atletas que possui mais destaque no Futebol brasileiro e fez parte desse episódio durante a Copa do Mundo de 2014, a pesquisadora acreditou que esse seria um material adequado para atingir os objetivos propostos para a turma. O objetivo era mostrar como a Mídia pode influenciar o telespectador/internauta ao noticiar um fato, a fonte vai “trabalhando” aquele fato da forma como convém, e assim divulga para as pessoas, para que aquela informação seja disseminada como uma “verdade”.

Para Betti (2001), existe uma dificuldade em localizar e obter vídeos que sejam adequados para um programa de Educação Física que possibilitem vivência/conhecimento e reflexão, pois essas matérias estão em número muito pequeno na TV aberta, sendo mais frequente na televisão por assinatura.

Atualmente existe uma facilidade maior para encontrar bons materiais disponíveis de maneira gratuita na internet. Há alguns anos atrás a dificuldade seria grande, o “avanço” da tecnologia e a disponibilidade dos materiais auxilia muito nesse sentido, principalmente quando pensamos na utilização de materiais pedagógicos no contexto escolar.

O vídeo utilizado não tinha narração, nem legenda. A pesquisadora foi questionando sobre aquela situação e os alunos foram falando. A mídia noticiou a situação de diferentes formas. A pesquisadora buscou fontes na quais havia notícias de que Neymar foi o “culpado” pelo “lance”, outra onde o jogador foi “injustiçado” pelo atleta adversário e uma última fonte na qual a notícia era apenas retratada.

Durante a explicação para os alunos, de que a Mídia pode manipular os dados e as informações, como nos programas esportivos, nos quais em poucos dias, os jogadores podem ir de “destaque” para “alvo de críticas”. As fontes podem ser as mais diversas possíveis, mas a forma como a informação é “distorcida” é bem parecida. Muitos alunos, pareciam nunca ter pensado nessas possibilidades, e por meio do diálogo fomos juntos questionando os fatos.

Qual outra coisa, que depois dessas aulas, vocês acham que o entendimento de vocês foi mudado? Em relação ao que? Assim, depois dessas aulas que a gente teve, o que vocês acham que mudou? Que vocês aprenderam e vão olhar com outros olhos? (PESQUISADORA)

A questão da mídia, com certeza. Normalmente você vê um lugar só, tipo, quando você só vê só isso, você só tem visão daquilo, você pode pesquisar em outros lugares o mesmo assunto, acaba contorcendo, aí você tem várias ideias. (ALUNO 5)

E aí o que vocês acham? Vocês tinham esse olhar da mídia? De falar assim, nossa quando estou assistindo uma coisa, pode ser que um programa esportivo, o mesmo fato fala de um jeito, e outro programa fala do outro. (PESQUISADORA)

Não pra mim era a mesma coisa. (ALUNO 6)

Pra mim sempre tive, sempre olhei em vários lugares, tipo, igual jornal não assisto em um canal só, assisto em vários, porque o assunto é o mesmo, mas muda o ponto de vista do repórter, porque acaba mudando um fato que ocorreu. (ALUNO 5)

O objetivo de uma das aulas parece ter sido atingido por meio das respostas dos alunos durante o grupo focal. A ideia era não somente introduzir o “conceito” de Mídia, mas discutir como ela apresenta com as informações, por meio de diferentes fontes. Pensando especificamente no Futebol, como isso acontece nos diferentes programas esportivos. Ao utilizar o vídeo do Neymar a proposta não era que eles “julgassem” o tema, mas que verificassem como as fontes podem ser tendenciosas.

Na segunda parte da segunda aula sobre Mídias, os alunos fizeram uma atividade, na qual vários grupos foram criados de acordo com a opção deles (jogadores, narradores e jornalistas). Para que pudessem sentir a sensação, de estar no lugar dos diferentes “protagonistas” de uma partida.

Na terceira aula, foi realizado o “jogo do consumo”, no qual os alunos foram divididos em times e a cada gol realizado era possível comprar uma cartinha com produtos ou atividades vinculadas ao Futebol. A ideia era mostrar para a turma, como a Mídia pode nos influenciar a escolher algo, que talvez nem precisássemos, mas que ao consumirmos as informações, acabamos sentindo essa necessidade.

De acordo com Betti (2003), a televisão além de incentivar o consumo dos produtos esportivos (roupas, equipamentos, entre outros), utilizando o esporte como conteúdo ou associando-o a produtos por meio de anúncios publicitários, fez com o que o esporte se tornasse um “telespetáculo esportivo”, produto de consumo.

Para Betti (2003), há anúncios que colocam em evidencia a qualidade das bolas, dos tênis e das chuteiras, tais características podem estar relacionadas ao conforto, leveza entre outras. Esses anúncios quase sempre estão relacionados ao desempenho que você pode atingir utilizando, ou seja “profissional”.

A aula de Educação Física deve ser um espaço para assumir essa discussão em relação ao consumo, principalmente quando ele está relacionado ao esporte. Ao propor uma atividade em relação ao tema (consumo) e vivenciá-la de forma “prática”, a compreensão e a discussão dos alunos torna-se espontânea.

É importante destacar a relação do consumo com o ser humano, e o que é positivo ou não, o quanto podemos ser influenciados para comprar coisas que muitas vezes não precisamos, e quanto a mídia nos influencia nesse sentido por meio das suas propagandas utilizando a questão do desempenho, beleza como ferramentas para atingir a mente daqueles que estão consumindo. Existe o cuidado para não “teorizar” essas informações, e nem cultura corporal, mas sim aproveitar dos recursos que temos (vivências), para realizar as discussões.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1998), a reflexão sobre Trabalho e Consumo na escola, busca explicitar as relações sociais nas quais se produzem e vão de encontro com as necessidades do corpo e os desejos do mesmo, além dos produtos que irão satisfazê-lo. É necessário conhecer e discutir sobre as questões voltadas a esse tema transversal (relações, dependências, interações, direitos, contradições e valores) e trazer para as aulas de Educação Física relacionando com os conteúdos.

A Educação Física não pode se tornar um discurso sobre a cultura corporal de movimento, de modo a perder sua especificidade, mas deve ser compreendida como uma ação pedagógica com aquela cultura (BETTI,2003).

Esses jogos possibilitaram aos alunos uma leitura “prática” do que foi explicado no início da aula, das formas como a Mídia pode estar presente em nossas vidas.

Apesar de no grupo focal, dizerem que o tema que mais chamou atenção foram as Regras, eles optaram por temas voltados à Mídia para a gravação do vídeo. Um dos grupos trabalhou com a ideia de venda e compra e seleção de novos talentos no Futebol, e os outros com a venda de produtos “bolas”. Infelizmente por conta do tempo não foi possível que os grupos assistissem o que os outros produziram, mas também um dos “receios” de gravar o vídeo era esse. Já que eles preferiam gravar e assistir entre si, para que os outros não assistissem.

Havia uma expectativa positiva da pesquisadora quanto ao processo de gravação e da utilização do material multimídia. Quando a proposta foi colocada em prática, parece que os alunos não tiveram um envolvimento tão grande com essa atividade. Alguns fatores podem ser destacados como a falta de interesse e a timidez.

Pelas habituais aulas da turma serem um pouco diferente dessa proposta, pode ser que na perspectiva deles, não haja a necessidade e nem a vontade em realizar algo seguindo a proposta da pesquisadora. A timidez parece ser um fator a ser considerado, encontrado também em uma das aulas sobre a importância das regras. Parece que se expor ou se colocar a frente, não é uma questão estimulada, não apenas em relação à Educação Física, mas na escola no geral. Os alunos estão mais acostumados a receber as informações ou os conhecimentos, do que buscar. Esse é um fator perigoso quando pensamos em formar cidadãos autônomos e não parece ser uma especificidade da escola pesquisada, vide outras experiências da pesquisadora. Talvez uma proposta como essa para alunos menores, fosse bem aceita já que se envolvem mais quando algo lhes é pedido.

Gênero e Futebol

Por meio das atividades realizadas durante a implementação das aulas, foi possível verificar a relação das meninas com o Futebol, o que chamou atenção e merece destaque neste trabalho, mesmo não aparecendo como uma temática elencada a ser desenvolvida com o conteúdo Futebol, como os temas: regras, espaços da prática do futebol e mídia.

Na aula inicial sobre a “importância das regras” houve uma situação na durante a vivência, na qual o jogo se tornou confuso. Desde o primeiro momento as meninas tiveram uma postura mais “defensiva” e não se envolveram tanto no jogo, por isso, os meninos tomaram conta do espaço. Ainda nessa aula, como parte das meninas estavam pouco inteiradas no jogo, em um espaço foi realizado um jogo de meninas e no outro um jogo de meninos, o que tornou a participação das meninas mais ativa.

Na segunda aula sobre “mídia” aconteceu o “jogo do consumo”, no qual os alunos foram divididos em equipes e a cada gol realizado era possível comprar uma cartinha com produtos ou atividades vinculadas ao Futebol. A ideia era mostrar para a turma como a mídia pode influenciar nas escolhas relacionadas ao consumo, de produtos que podem até mesmo ser desnecessários, mas que se tornam desejados por meio do consumo das informações.

Nessa atividade, o jogo foi separado entre meninos e meninas, pois os alunos solicitaram, e tal fato, aumentava o nível de participação das meninas no jogo, especialmente das que não gostavam tanto de Futebol. Assim, como já foi destacado no tópico sobre Mídias, mas cabe ressaltar a relação de gênero nessa mesma aula.

No decorrer das aulas foi possível verificar que as meninas eram divididas em dois grupos. Um deles era integrado por meninas que gostavam de jogar futebol (menor número) e o outro grupo não se interessava tanto pela prática. Na percepção da pesquisadora alguns fatores podem ser elencados, para justificar esses motivos, sendo eles: falta de interesse, falta de conhecimento da modalidade e também preconceito com a modalidade por conta do estereótipo que foi formado ao longo dos anos em relação à prática do Futebol por mulheres no Brasil.

Para Souza Junior (2003), uma das dificuldades encontradas nas aulas de Educação Física é o trabalho dos professores com turmas mistas (meninos e meninas). Apesar de essa ser à disposição das turmas (meninos e meninas) muitos professores optam pela separação dos grupos durante as aulas, e isso dificulta quando se pensa em um trabalho de co-educação.

As turmas mistas facilitam a questão da discussão do tema Futebol e gênero pois a formação deve ser para todos independente de serem meninos ou meninas. Mas, pelas observações e por experiências anteriores é interessante pensar que em alguns momentos da aula, são necessárias algumas modificações, onde meninos e meninas joguem em espaços diferentes, pois se sentem mais à vontade. É claro que

isso não pode ocorrer em todas as aulas, existe a possibilidade de outros tipos de divisão também, como a separação por habilidades.

Para Milani (2015), a Educação Física escolar é um espaço importante para que aconteçam as discussões e reflexões em relação à temática de gênero. Mesmo com as possibilidades de conflitos que as aulas mistas (meninos e meninas) podem gerar, é por meio da co-educação que os alunos são incentivados a resolver as “situações/problemas”, e aprender a lidar com as diferenças, contribuindo para sua formação enquanto cidadãos.

É importante levantar essas questões na aula, para que os alunos possam resolvê-las. Ao “omitir” uma discussão desse tema, perde-se a oportunidade de refletir e desconstruir alguns estereótipos tão presentes em nossa sociedade, e mais que isso, reafirmam-se ideias preconceituosas em relação à participação de mulheres em determinados elementos da cultura corporal. As aulas de Educação Física se tornam o espaço adequado para levantar essas discussões.

Quanto ao grupo focal, esse foi um tema (futebol e meninas) que apareceu quando os alunos foram questionados sobre o que sabiam em relação ao futebol antes das aulas e após a implementação.

Assim, qual foi a diferença antes das aulas, o que vocês sabiam em relação ao futebol, e agora depois de passado esses dias?
(PESQUISADORA)

Tem as meninas que não gostavam de jogar. (ALUNO 5)

O fato das meninas não participarem ou não gostarem de Futebol, aparece como destaque na resposta de um dos alunos.

E nessa situação que você falou das meninas, “ahh as meninas não estavam participando” e agora elas se interessaram, porque isso?
(PESQUISADORA)

Ai “sora”. (ALUNO 5)

Porque elas aprenderam a jogar com as regras. (ALUNO 3). Ficou mais divertido. (ALUNO 6)

Um dos fatores que os alunos citam como importante para a “mudança” de concepção em relação ao Futebol e as meninas, é em relação ao conhecimento das regras. Por meio dessa fala é possível fazer uma associação que ao conhecer, ao compreender o jogo, é possível que o aluno se interesse mais por aquela prática.

Porque antes chamava uma pra jogar e falava “ah não gosto”. (ALUNO 6)

Porque você incentivou a gente a jogar, sora. (ALUNO 5). É, você incentivou a gente jogar. (ALUNO 3)

“Vamos meninas”. (ALUNO 3)

Outro fator que deve ser considerado é a importância de “incentivar” os alunos durante a prática. Muitas vezes, eles não estão seguros ou interessados em realizar uma atividade. Ao motivar o professor consegue “ganhar” o aluno, e fazer com que ele participe, e até se aproprie daquela manifestação da cultura corporal.

De acordo com Altman (2014), “menina não joga”, “vocês não vão fazer” e “elas não sabem” são frases utilizadas para desestimular e desqualificar a participação efetiva das meninas durante uma atividade.

Antes a gente achava que era chato, sem graça que era só brincadeira de menino. (ALUNO 3)

Então, vocês acham que foi algo que mudou? (PESQUISADORA)

É, porque tem gente que tem muito preconceito ainda disso, de menina não pode jogar. (ALUNO 6)

Ao verificar esse posicionamento dos alunos, é possível compreender que o preconceito ainda está muito difundido no ambiente escolar e nas práticas corporais. E parte dos alunos é consciente em relação a essas questões, mas parece haver um impedimento para que essas reflexões sejam expostas e discutidas na escola.

Para Barbosa (2012), o esporte é um dos conteúdos mais desenvolvidos nas aulas de Educação Física escolar e o estereótipo que ele traz consigo é o de reprodutor dos padrões masculinos, de virilidade e força. Já outros conteúdos como ginástica e dança, não tem a mesma visibilidade que o esporte e trazem consigo um modelo feminino de leveza e graciosidade.

De acordo com Souza Junior (2003), os meninos são desde cedo estimulados por brincadeiras que são mais dinâmicas e expansivas (jogos com bola, pega-pega, empinar pipa, subir em árvores e muros), enquanto as meninas estão mais próximas de atividades passivas que estimulem a construção de alguém doce e frágil (brincar com bonecas, utensílios domésticos, desenho e pintura) reforçando os estereótipos da sociedade.

Essa ideia de virilidade e força é bastante difundida mesmo que no imaginário dos alunos. Parece que ao praticar um esporte, a menina está “perdendo” suas características de um modelo feminino, e quando o Futebol de maneira específica é colocado, isso reforça ainda mais essas questões.

Para Altman (2014), no percurso desenrolado pela constituição do Estado brasileiro e pelo histórico escolar, meninos e meninas foram notificados de formas diferentes sobre “suas práticas corporais”.

Eu não gosto de jogar futebol só com menina, gosto de jogar futebol com todo mundo. (ALUNO 5)
Eu também. (ALUNO 6)

De acordo com Reis (2010), o futebol fruto da prática curricular produzida em meio às relações de poder, torna os meninos mais competitivos.

Para Wenez e Stigger (2006), o esporte é uma forma da legitimação da masculinidade para os garotos, que acabam ganhando o espaço do pátio na hora do recreio. Já as garotas não têm espaço nesse local, pelo fato de serem garotas e consideradas menos habilidosas, tal como os garotos que não se encaixam nessa categoria de habilidosos e fortes.

Algumas meninas preferem jogar futebol com os meninos, como nessa situação no grupo focal na qual respondem dessa forma. Já nas observações durante as aulas, foi possível verificar que a maioria das meninas, se expõe mais quando participam do jogo com meninas, e quando estão em um jogo junto dos meninos, se tornam passivas, enquanto parte dos meninos são totalmente participativos e competitivos durante o jogo.

De acordo com Milani (2015), alguns estudos apontam que o gênero não se torna uma questão específica de exclusão nas aulas de Educação Física, já que as meninas que possuem habilidades motoras são inseridas nas aulas.

Parece que essa questão da habilidade motora é bastante presente quando pensamos nas meninas nas aulas de Educação Física. As meninas que participam se empenham nas vivências e possuem um bom desempenho “ganham o direito” de jogar “de igual para igual” com os meninos, enquanto as que “não possuem” tantas habilidades vão se sentindo cada vez menos preparadas para participar dos jogos.

Cabe ressaltar que em alguns momentos no decorrer das aulas, um grupo de meninas queria ter aulas do conteúdo “Voleibol” e isso aconteceu mais de uma vez. Parecia ser um conteúdo muito atrativo para elas.

Para Barbosa (2012), a Educação Física escolar se destaca em relação às outras disciplinas do currículo quando o assunto é as representações de gênero, principalmente nas atividades esportivas. O futebol e outros esportes que possuem o

contato físico são considerados pertinentes aos meninos, enquanto atividades “menos violentas” como o voleibol, são tidas como para meninas.

De acordo com Altmann e Fernandes (2014), existe uma apreciação do povo brasileiro pela modalidade esportiva Futebol. Esse esporte que é totalmente difundido nos meios de comunicação, nas conversas em bares, ocupa os espaços principais na televisão, aulas de Educação Física, ruas, praças e praias. Mesmo que o Futebol tenha uma maior visibilidade quando praticado por homens, em nosso país ele é praticado e respeitado por um número cada vez mais representativo de mulheres.

As aulas de Educação Física se tornam uma das possibilidades de discussão e reflexão do tema para meninos e meninas, além dos conhecimentos específicos da modalidade.

De acordo com Viana et al. (2008), a escola tem papel fundamental na possibilidade de consolidar ou desmitificar o que é possível ser percebido, na construção dos corpos. Nas aulas de Educação Física, meninas e meninos colocam em evidência gestos, falas e atitudes, que foram sendo formados e consolidados por outros agentes sociais.

Vídeo e Futebol

Os vídeos selecionados para as aulas são resultados de busca no canal youtube, além disso, o material foi editado para uma melhor adequação das aulas.

Na aula sobre a importância das regras, em um primeiro momento os alunos assistiram a um vídeo que foi editado (material da folha de São Paulo disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/infograficos/2014/04/82368-futebol-para-marcianos>) para favorecer a proposta da aula e do planejamento. A ideia era que o mesmo não fosse tão longo, para que pudesse chamar a atenção dos alunos e ser aplicado da melhor forma possível. A primeira atividade foi realizada na sala de vídeo, que oferecia recursos como data show.

Os alunos assistiram ao vídeo e quando questionados sobre as “regras do Futebol” diziam conhecer, mas vários descobriram e ficaram surpresos com algumas regras que foram sendo colocadas. Eles esperavam ansiosos para o momento de ir para quadra, mas não tinham um comportamento “inadequado” no ambiente da aula, a professora da turma se fazia muito presente nesse sentido, de “cobrar” respeito e silêncio nos espaços da aula.



Figura 1 – Futebol para Marcianos

Nas aulas do tema diferentes espaços da prática, a pesquisadora levou um vídeo para os alunos, que foi feito em casa, utilizando a internet como fonte para a coleta dos materiais (imagens, vídeos e áudios) e também o próprio material do currículo (caderno do professor). O caderno auxiliou bastante, já que continha um conteúdo muito vasto, sobre a história do Futebol no Brasil, sua prática na várzea e atualmente nos espaços públicos e privados. Para a aula ser mais dinâmica ao invés da apresentação apenas teórica, o vídeo veio para somar e chamar atenção dos alunos para o tema.

Para Moran (1995) o vídeo é uma linguagem multilinguística, de superposição de códigos e significações, de caráter audiovisual. Esse recurso é próximo a sensibilidade e prática do homem urbano, mas distante da linguagem educacional.

O professor deve usufruir desse recurso, que é tão próximo dos alunos, mas tantas vezes, distante quando questionamos sua proximidade quanto ferramenta educacional.

No grupo focal os alunos quando questionados em relação ao vídeo, fizeram alguns comentários relacionados à questão da utilização do mesmo e das aulas teóricas no ambiente escolar.

Vocês acham que é interessante aprender por meio do vídeo? Vocês se sentiram motivados? O vídeo é atrativo? (PESQUISADORA)
Ahhh sora, aprendi mais, chama mais atenção. (ALUNO 5). Porque chama atenção? (PESQUISADORA)
Não precisa ler nada. (ALUNO 1)
É. Nós estamos acostumados a ver isso. (ALUNO 6)
Vocês não estão acostumados nas aulas de qualquer matéria, a usar vídeos para aprender ou vocês estão? (PESQUISADORA)

Sim. Só em história, mas tipo é difícil. (ALUNO 2)
Muito difícil. O professor passava o vídeo pra gente aprender, é mais teórica. (ALUNO 2)
E na aula de Educação Física, vocês já tinham acompanhado em algum momento? (PESQUISADORA)
Não. (TODOS)

Por meio das falas dos alunos é possível verificar que o vídeo ou outro sistema de aula que se opõe a “aula teórica” parece chamar mais atenção, do que “apenas” ler.

A linguagem presente na TV e no vídeo estão relacionadas à sensibilidade do jovem e da grande maioria da população adulta. São dinâmicas, dirigem-se antes a afetividade do que em relação à razão. O jovem articula mais recursos do sensorial-visual do que uma linguagem racional e abstrata, ele lê, vendo (MORAN, 1995).

O vídeo incorporado na Educação, não surge por vaidade ou entretenimento, mas para adequação das mudanças sociais que geraram um novo tipo de aluno. (FERRÉS, 1996).

Os alunos são altamente influenciados pelas tecnologias que em boa parte dos casos, ocupam seu tempo. Ele não é o mesmo sujeito que estava na sala de aula nas décadas passadas, as tecnologias fazem parte do seu cotidiano. Ele está com o celular, grande parte do seu dia. Não aproveitar o potencial pedagógico que as TIC podem proporcionar é abrir mão do potencial pedagógico dessas ferramentas.

A Educação Física tem essa facilidade em relação às outras disciplinas já que tradicionalmente sua abordagem é mais procedimental, do que conceitual ou atitudinal. Atualmente compreende-se que as três dimensões dos conteúdos são importantes, e que devem aparecer nas aulas. Se para os alunos a teoria, o ler já é maçante em outras disciplinas que são historicamente conceituais, na Educação Física isso fica mais em evidência.

O vídeo se torna um meio útil quanto à questão da animação de grupos, escolas e coletivos, além disso, ele pode estimular a interação entre membros. (FERRÉS, 1996).

O professor de Educação Física, pode utilizar outros recursos para desenvolver os conhecimentos desejados e a tecnologia pode ser um facilitador nesse processo, assim como nas outras disciplinas escolares.



Figura 2 – Vídeo / Diferentes espaços da prática

Como mencionado em outra parte desse trabalho, para a realização desse vídeo (diferentes espaços de prática) foi necessário disponibilidade de tempo. Foi preciso criar um roteiro e utilizar imagens e vídeos disponíveis na internet, além da narração. O esforço foi necessário, porém positivo, já que o conhecimento foi assimilado com facilidade pelos alunos e chamou atenção. É importante ressaltar que o vídeo tinha dois minutos e trinta segundos, já que era uma preocupação da pesquisadora, não ser algo muito extenso. Esse vídeo permitiu que os alunos fizessem uma “viagem” pela história, e conhecessem um pouco das transformações do Futebol quanto aos locais de disputa até os dias de hoje.

Em determinadas situações a tecnologia permitirá a superação das fronteiras (espaço e tempo) possibilitando experiências que não poderiam ser feitas na realidade (FERRÉS, 1996).

No grupo focal algumas questões sobre a utilização do recurso vídeo foram utilizadas para que os alunos pudessem se expressar em relação a essa ferramenta pedagógica.

Vocês acham que os vídeos que passei, eram muito longos ou eram vídeos curtos e adequados? (PESQUISADORA)

Curto. (ALUNO 1)

Não era curto nem longo, era o tempo que dava pra aguentar. (ALUNO 2)

Você acha que depois de um tempo? O vídeo... (PESQUISADORA) O vídeo começa a ficar cansativo, quando fica muito longo. (ALUNO 2).

Enjoativo. (ALUNO 8)

Sem sentido. (ALUNO 6)

Sem sentido, porque você não consegue entender o que estava sendo transmitido? (PESQUISADORA)

É. (ALUNO 6)

Quando é muito longo vocês acham que é cansativo? (PESQUISADORA)

Aí você parava o vídeo e explicava, ficava mais fácil. (ALUNO 5)

Quando questionados sobre o tempo dos vídeos os alunos expressaram suas opiniões. E o fato de passar vídeos muito longos ou curtos demais, parece ser algo que para eles não faz sentido, preferindo um “vídeo” de tempo “ideal” que não seja maçante, mas que também não seja tão rápido que não dê para compreender as ideias. A questão da interação com o vídeo parece ser algo importante também, do professor fazer as intervenções no momento certo.

Na aula sobre o tema Mídia foi exibido para os alunos um vídeo de uma situação de jogo da Copa do Mundo de 2014, na qual o jogador Neymar sofreu uma lesão. Esse vídeo não tinha narração, nem legenda.

Através de questionamentos os alunos foram falando sobre suas impressões em relação ao fato veiculado. Os veículos da mídia noticiaram de diferentes maneiras, a mesma notícia. Cada uma das fontes em questão abordou o tema de uma maneira.

A utilização do vídeo nessa circunstância e dos recursos tecnológicos permitiram que os alunos tivessem uma sensibilização para a discussão desse tema, oportunizado pelo recurso das imagens.



Figura 3 – Vídeo Neymar

Para a última aula vinculada ao tema Mídia, a proposta era de que os alunos produzissem um vídeo e pudessem “sentir” como é estar no papel de produtores de um vídeo. Eles se dividiram em grupos e puderam escolher qual dos temas havia chamado mais atenção (aprendidos na aula), e os grupos escolheram, temas vinculados a Mídia. Um dos grupos trabalhou com a ideia de venda e compra e seleção de novos talentos no Futebol, e os outros com a venda de produtos “bolas”. Infelizmente por conta do tempo não foi possível que os grupos assistissem o que os outros produziram, mas também um dos “receios” de gravar o vídeo era esse. Já que eles preferiam gravar e assistir entre si, para que os outros não assistissem.

De acordo com Ferrés (1996) filmar ou gravar com uma câmera de vídeo é para criança ou jovem, uma experiência nova e apaixonante. Além disso, permite que eles conheçam o processo de gravação da televisão, sua dinâmica expressiva e os sistemas de produção.

O que vocês acharam na última aula de produzir um vídeo? É diferente você assistir e produzir um vídeo? (PESQUISADORA)

Sim. (ALUNO 5 e ALUNO 6)

Super diferente. (ALUNO 6)

Mas, porque? (PESQUISADORA)

É você que está assistindo, então você tem que avaliar. Aí o vídeo, você tem que ser avaliado. (ALUNO 6)

Quando você está assistindo, você está analisando aquilo, e quando você faz, você que está sendo avaliado? (PESQUISADORA)

Sim. (ALUNO 6)

Em um dos questionamentos do grupo focal “se é possível aprender através do vídeo”, o aluno respondeu da seguinte forma:

A outra pergunta é: através do vídeo vocês conseguiram aprender alguma coisa? (PESQUISADORA)

Sim. Tipo igual na várzea, quando era pra saber os diferentes espaços, as vezes não tinha uma ideia, com o vídeo, vê claramente como são. (ALUNO 2)

O vídeo aproxima para o concreto e possibilita sensações que só seriam possíveis por meio dele. Por isso a importância de reforçar essa possibilidade e trazê-la para as aulas de Educação Física na escola.

A tecnologia utilizada por meio do vídeo só será libertadora se tiver envolvimento com os alunos para que possam pesquisar, avaliar-se, conhecer e conhecer-se, e descobrir novas possibilidades de expressão, além de experiências em grupo em um esforço para criação coletiva (FERRÉS, 1996).

A utilização do Grupo Focal ao termino dessa aplicação, colaborou no sentido de verificar as percepções do aluno quanto à utilização desse recurso e colocou em prática esse exercício de reflexão por partes dos educandos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo elaborar e implementar uma unidade didática sobre o conteúdo Futebol para o 9º ano do Ensino Fundamental, à partir do Currículo do Estado de São Paulo, utilizando o vídeo como recurso pedagógico, além disso, avaliar as impressões dos alunos sobre as aulas.

A implementação das aulas ocorreu conforme o previsto. A turma na qual as aulas foram desenvolvidas, apesar de ser uma classe heterogênea (diferenças de idade e questões pedagógicas) foi bem receptiva com a pesquisadora, o que facilitou bastante o andamento das aulas.

Os principais resultados da pesquisa vão de encontro há três temas, sendo eles: mídia, gênero e vídeo. Em relação ao tema Mídia, foi possível verificar que os alunos mudaram o conceito que tinham (desconhecido ou pouco aprofundado) sobre o que era a temática. Por meio das aulas, eles foram discutindo e refletindo a utilização do recurso vídeo junto as vivências, o que auxiliou na compreensão dos alunos em relação ao tema. Na atividade da última aula, quando tiveram a opção de escolher sobre qual tema gostariam de utilizar na elaboração do vídeo, vários grupos optaram pelo tema Mídia.

O tema Gênero, não era uma temática a ser discutida durante as aulas, mas apareceu no decorrer da implementação, e no grupo focal. Foi perceptível que essa era uma questão presente nas aulas de Educação Física daquele contexto, e acabava influenciando na forma como cada grupo participava da Educação Física. Já através do Vídeo, foi possível verificar que ele pode se tornar uma ferramenta pedagógica que auxilia quanto ao ensino de um conteúdo (nesse caso Futebol), e que, além disso, pode ser um facilitador no processo de ensino/aprendizagem, por suas características dinâmicas, se opondo ao modelo tradicional de ensino. Uma pesquisa realizada por Batista e Betti (2005), com a utilização do vídeo nas aulas de Educação Física, conclui que os alunos aprenderam e essa aprendizagem ocorreu com significado. A estratégia utilizada foi o recurso dos desenhos animados, algo que as crianças gostam.

A utilização do vídeo aconteceu como esperado e os alunos participaram de maneira positiva na realização das atividades. Quando questionados no grupo focal, sobre as impressões em relação às aulas, opinaram com tranquilidade sobre os questionamentos feitos. Além disso, tanto nas últimas aulas, quanto no Grupo Focal foi possível verificar que os alunos se lembravam dos temas trabalhados em aula. A

questão não é apenas utilizar o vídeo, mas também fazer com que ele favoreça a aprendizagem do conteúdo que foi ministrado.

A escola na qual ocorreu a intervenção possui características específicas, tal como de estrutura e flexibilidade de utilização dos materiais, o que colaborou para o andamento das aulas. A aceitação (gestão, professor e alunos) com relação à unidade didática se deu de forma positiva, o que facilitou as etapas seguintes da pesquisa, não havendo empecilhos para o seu desenvolvimento quanto à implementação.

Vale destacar que a implementação didática por meio deste estudo possui diferenças com relação à própria condição do pesquisador: maior disponibilidade para o preparo das aulas, aprofundamento na temática Futebol e adoção de tecnologia específica, no caso o uso de vídeos; ou seja, exige uma situação pedagógica que nada combina com a realidade do professor brasileiro, pressionado por vários afazeres escolares e grande número de aulas, lecionadas muitas vezes em escolas diferentes. Mas, os avanços tecnológicos também podem colaborar nesse sentido, já que por meio da internet é possível buscar materiais para serem utilizados em sala de aula.

Em algumas escolas, não existem recursos mínimos para a utilização do vídeo nas aulas, e a viabilização desse recurso, acontece por parte do professor, que muitas vezes, leva para a escola seus próprios aparelhos tecnológicos, para que os alunos tenham acesso a um conteúdo específico.

A busca dos materiais e a elaboração dos vídeos utilizados nessa pesquisa foram realizadas em período extraescolar, ou seja, trazendo para a realidade, destinados ao descanso do professor, o que reforça essa ausência de tempo livre remunerado para qualificar o trabalho pedagógico.

Além disso, muitos profissionais não possuem “familiarização” com as tecnologias, o que acaba anulando a possibilidade de utilização desse tipo de material como recurso pedagógico em sala de aula. Diniz (2014) aponta para a necessidade do oferecimento de formação continuada aos professores para a utilização das TIC na escola, no sentido de que possam aperfeiçoar o uso dessas ferramentas ou para pensar sobre essas questões que talvez não tenham sido discutidas na formação inicial.

A necessidade de formação continuada é um ponto a ser refletido, pois deve haver uma aproximação do que está sendo produzido na academia com o que está acontecendo na prática escolar, de modo, que as duas vertentes caminhem juntas.

Muitas vezes, o que observamos é um distanciamento entre o que está sendo produzido e implementado, o que dificulta o avanço de ambos.

Para Pires et al (2012), é necessário que na formação inicial e continuada de professores da Educação Física, haja a reflexão e prática social esclarecida em relação à mídia e as novas tecnologias.

Existem alguns fatores que interferem na apropriação e utilização das TIC pelos professores, que são: lacunas na formação profissional do professor, falta de domínio técnico sobre os instrumentos tecnológicos, precariedade das ferramentas tecnológicas disponíveis nas escolas, falta de sensibilização do professor quanto às TIC (BIANCHI,2009).

O professor tem um olhar apreensivo quanto às novas técnicas aplicadas à comunicação, já que ao chegar na escola, podem parecer para ele uma exigência da sua mudança pedagógica ou a perda de sua função (FERRÉS, 1996).

De acordo com Carvalho (2012), a utilização da tecnologia de caráter audiovisual como parte de uma educação voltada para as TIC, acontecerá de fato quando houver readequação quanto à formação inicial e continuada de qualidade, para que o professor possa se atualizar e aperfeiçoar seu conhecimento.

O problema mais urgente para conseguir a implementação plena e coerente do vídeo na escola é a formação do professor, que não contempla essas questões, o que colabora para uma deficiência na integração atual (FERRÉS, 1996).

Seria relevante que os professores durante a formação inicial tivessem contato com disciplinas específicas sobre o uso das TIC, além da necessidade da formação continuada (FERREIRA, 2014).

Esse estudo avança no sentido de apontar possibilidades dentro da Educação Física escolar, quanto ao uso da tecnologia, mais especificamente do vídeo. O fato de promover a reflexão dos conteúdos e se caracterizar como uma ferramenta mais próxima da cultura juvenil ajuda a tornar o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e atrativo para os alunos.

De acordo com Batista e Betti (2005), a Educação Física escolar deve investir em sua qualidade em relação à prática pedagógica, oportunizando aos alunos contato com outras linguagens e outras formas de cultura, relacionado com os conteúdos da cultura corporal, de maneira a compreender, sentir e relacionar-se.

O vídeo está relacionado à televisão e ao contexto de lazer e entretenimento, que passa de maneira imperceptível para a sala de aula. Para os alunos o vídeo

muitas vezes pode estar ligado ao descanso e não a aula. O professor precisa aproveitar as expectativas positivas para atrair o aluno para assuntos do planejamento pedagógico (MORAN, 1995).

De acordo com Ferrés (1996) o vídeo não é um concorrente do professor, mas pode servir como aliado. Os avanços tecnológicos estão em todas as partes da sociedade e a escola negar isso é abrir mão de oportunidades de ensino e de novas estratégias de ensino. Elaborar uma proposta e tentar viabilizar sua execução é caminhar no sentido das contribuições que a tecnologia pode trazer para escola e para as aulas de Educação Física escolar.

Como continuidade desse trabalho, a ideia é que os vídeos sejam compartilhados por meio das redes sociais, para que outros professores possam ter acesso ao material e também reflitam sobre possibilidade de utilização dos vídeos nas aulas de Educação Física escolar, para o ensino do futebol.

A contribuição dessa pesquisa veio de encontro com a minha própria prática enquanto pesquisadora e também como professora de Educação Física escolar. O processo promoveu formação continuada e a busca por novos conhecimentos e ferramentas para a minha docência escolar. Além disso, espera-se que esse estudo desperte em outros professores o interesse pela temática, e ainda, a possibilidade de utilizar o vídeo como uma ferramenta pedagógica para ensinar quaisquer conteúdos nas aulas de Educação Física.

No processo de intervenção e no grupo focal foi possível verificar que os alunos se lembravam de termos e conceitos que foram utilizados durante as aulas e na exibição dos vídeos. O vídeo nesse momento foi um facilitador para que os alunos pudessem assimilar as informações conceituais, presentes durante aquele período. Tais fatos ressaltam o potencial desta ferramenta, para atingir a dimensão conceitual, tantas vezes, difícil de ser empregada pelo professor em aula, sem se tornar algo maçante e cansativo.

De acordo com Moran (2004) uma das reclamações generalizadas nas escolas e universidades é que os alunos não aguentam mais a forma tradicional como as aulas são realizadas. Os alunos reclamam do tédio de ficar ouvindo o professor falando por horas e horas.

Algumas pesquisas colaboram para a prática das aulas de Educação Física escolar e a tecnologia, utilizando celulares, videogames e o vídeo como instrumentos ou ferramentas pedagógicas para o processo de ensino dos conteúdos. Nesse caso,

a presente pesquisa avança no sentido de pensar o Futebol e a utilização do vídeo, mas outros conteúdos poderiam ser explorados seguindo essas reflexões ou dando continuidade a essa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H.; FERNANDES, S. C. MULHER E ESPORTE: PALAVRAS INICIAIS SOBRE OS DESAFIOS AO ENSINO NA ESCOLA. **Poiésis** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 8, n. 13, p. 126 a 140, jun. 2014. Disponível em: <<http://aplicacoes.unisul.br/ojs/index.php/Poiesis/article/view/2252>>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- ASCHIDAMINI, I. M. **Competências na promoção em saúde da família: uma perspectiva de docentes e acadêmicos de enfermagem**. 2005. 115f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2005.
- ASCHIDAMINI, I. M.; SAUPE, R. Grupo Focal. Estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enfermagem: Revista do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPR, Curitiba**, v. 9, n. 1, p. 9-14, jan./jun., 2004.
- BARROSO, A. L.; DARIDO, S.C. A pedagogia do esporte e as dimensões do conteúdo. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 281–289, 2009.
- BELLONI, L. M. **O Que é Mídia-educação**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- BELLONI, M. L. Os jovens e a internet: representações, usos e apropriações. In: FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. (Org.). **Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Papyrus, 2008.
- BETTI, M. **Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo**. Ijuí: Editora Unijuí, 1997.
- BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BATISTA, S.; BETTI, M. A televisão e o ensino da Educação Física escolar: uma proposta de intervenção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 135-148, jan. 2005.
- BETTI, M. “Imagens em ação”: Uma pesquisa-ação sobre o uso de matérias televisivas em programas de Educação Física do ensino fundamental e médio. **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 12, n. 2, p. 95-120, 2006.
- BETTI, M. **Educação física e sociedade: a educação física na escola brasileira**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- CAMILO, R, C. Betti, M. Multiplicação e Convergência das mídias: desafios para a educação física escolar. **Motrivivência**, a. 22, n. 34, p.122-135, jun. 2010.
- BIANCHI, P.; HATJE, M. A formação profissional em educação física permeada pelas tecnologias de informação e comunicação no centro de educação física e desportos da universidade federal de santa maria. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 2, p.

123-138, set. 2007. Disponível em:
<<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/1097/1694>>. Acesso em:
13jun. 2015.

BIANCHI, P. C.; PIRES, G. L. Possibilidades para o ensino- aprendizagem com TICs na Educação Física escolar: uma experiência com blogs. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 01, p. 45 - 55, 2010.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos CEDES**, Campinas, v.19, n.48, ago. 1999. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621999000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 abr.2015.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. 2 ed. Rio de Janeiro: 1997.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, O. A. **Ginástica na escola e a utilização da tecnologia audiovisual (vídeo)**. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

CASTELLANI, R. M. Nova proposta curricular do estado de São Paulo: limites e virtudes. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 11, n. 1, p. 235-251, jan./mar. 2013.

DAMICO, J. Corpo a corpo com as jovens: grupos focais e análise de discurso na pesquisa em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 35-67, 2006.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (coord.) **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 293 p.

DARIDO, S. C; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar educação física**: possibilidades de intervenção na escola. Campinas: Papyrus, 2007.

DAOLIO, J. **Cultura**: educação física e futebol. 3 ed Campinas: Unicamp, 2006.

DEMO. P. Aprendizagem e novas tecnologias. **Revista Brasileira de Docência**, Ensino e Pesquisa em Educação Física, v. 1, n. 1, p.53-75, ago. 2009.

FERRÉS, J. **Vídeo e Educação**. Tradução: Juan Acuña Lorens. 2. ed. Porto Alegre, 1996.

FERREIRA, A. F. **Os jogos digitais como apoio pedagógico nas aulas de educação física escolar pautadas no currículo do estado de São Paulo**. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

FRANCO, Laercio Claro Pereira. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta nas três dimensões do conteúdo.** 2008. 134 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2008.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol.** 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

GINCIENE, G. **A utilização das tecnologias da informação e comunicação no ensino dos 100 metros rasos.** 2012. 148 f. Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012.

GONZÁLEZ, F. J; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos.** Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

HACK, J. R.; NEGRI, F. (2008). Capacitação docente para o uso da mídia como ferramenta didática: um espaço de reflexão e ação. In: **Anais do XIV Congresso Internacional de Educação a Distância** (compactdisc). Santos: ABED, 08p.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da educação.** São Paulo: Papirus, 2010.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Editora Unijuí, 1994.

LADEIRA, M. F. T. **Linguagem e suas possibilidades na Educação Física escolar.** 2007. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

MACAGNAN, L. D. G; BETTI, M. Futebol: representações e práticas de escolares do ensino fundamental. **Rev. bras. educ. fis. esporte**, São Paulo, v. 28, n. 2, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092014000200315&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 abr. 2015.

MATTAR, J. **Web 2.0 e Redes Sociais na Educação.** São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MERCADO, L. P. L. (Org). **Novas Tecnologias na Educação: Reflexões sobre a prática.** Maceió: EDUFAL, 2002.

MILANI, A. G. **Gênero nas aulas de educação física: diálogos possíveis com os conteúdos do currículo do Estado de São Paulo e o Facebook.** 2015. 167 f. Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/126525>>.

MIRANDA, G. L. **Limites e possibilidades das TIC na educação.** 2007. Disponível em: <http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/sisifo03PT03.pdf>. Acesso em 10 abril. 2016.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

MORAN, J. M. **O vídeo na sala de aula**. *Revista Comunicação e Educação*. São Paulo, ECA-ED. Moderna, p. 27-35, jan. /abr. 1995.

NEIRA, M. G. A proposta curricular de São Paulo na perspectiva dos saberes docentes. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 25, p. 23- 27, nov. 2011. Suplemento n. 6.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades. *Cadernos de pesquisa em administração*, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996.

ROCHA. R. L. F.; DAOLIO. J. A prática pedagógica de educação física no currículo de São Paulo: espaço de tensão entre o tradicional e o novo. *Rev. Pensar a Prática*, v. 17, n. 24, p. 517-529, jan. /mar. 2014.

PIRES, G. L.; LAZZAROTTI FILHO, A.; LISBOA, M. M. Educação física, mídia e tecnologias – incursões, pesquisa e perspectivas. *Revista Kinesis*. v. 30, p. 55-79, 2012.

PRENSKY, M. **Aprendizagem baseada em jogos digitais**. São Paulo: Senac-SP, 2012. 576p.

PRETTO, N. D. L. **Escritos sobre educação, comunicação e cultura**. São Paulo: Papyrus, 2008. 240p.

SÃO PAULO. Currículo do Estado de São Paulo: Educação Física. In: **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. São Paulo: SE, 2011.

SENA, D. C. S. As Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino da Educação Física Escolar. *Hipertextus – Revista Digital*, v. 6, ago. 2011. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume6/Hipertextus-Volume6-Dianne-Cristina-Souza-de-Sena.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Adriana Maricato de. Câmera e vídeo na escola: quem conta o que sobre quem? *Comunicação & Educação*, Brasil, v. 10, n. 1, p. 97-107, abr. 2005.

Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37513>>. Acesso em: 06 ago. 2014.

SOUZA JUNIOR, O. M. de; DARIDO, S. C. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. *Motriz: rev. educ. fis.* (Online), Rio Claro, v. 16, n. 4, dez.2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198065742010000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 abr. 2015.

THOMAS, J.; NELSON, J.; SILVERMAN, S. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VOSER, R. C. GIUSTI, J. G. **Futsal e a Escola**: uma perspectiva pedagógica. Porto alegre: Artmed. 2002.

WENETZ, I.; STIGGER, M, P. A Construção do Gênero no Espaço Escolar. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 01, p. 31-58, jan. /abr. 2006.